



**Instituto Universitário de Lisboa**

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Rita Xandra Borges Morais Mansinho

Trabalho submetido como requisito para obtenção do  
grau de Mestre em Arquitetura  
(Mestrado Integrado em Arquitetura)

**MOURARIA AGE FRIENDLY - RELAÇÕES  
INTERGERACIONAIS E ECODESENVOLVIMENTO**

Orientadora da Vertente Teórica:  
Alexandra Paio, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

**ALOJAMENTO TURÍSTICO NO PALÁCIO DAS OBRAS  
NOVAS**

Orientador da Vertente Prática:  
Pedro Luz Pinto, Professor Auxiliar,  
ISCTE-IUL

## PREÂMBULO

O trabalho que se segue é o produto do Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL.

Escrito em português, está dividido em duas partes sendo a primeira a vertente teórica com um projeto de investigação que resulta numa proposta de intervenção, no Bairro da Mouraria; e a segunda a vertente prática que consiste numa proposta de reabilitação para o Palácio das Obras Novas, na Azambuja.

Neste trabalho, foi utilizado o novo acordo ortográfico e as expressões em inglês, foram feitas por tradução livre pela autora.



## RESUMO

Apoiado numa iniciativa da Organização Mundial de Saúde, denominada Age-friendly Cities, que visa o envelhecimento ativo e inclusivo da população idosa nas cidades contemporâneas, o presente trabalho tem como objetivo refletir e encontrar outras formas de intervir mais flexíveis e integradoras.

Nesse sentido, tendo como objeto de estudo o Bairro da Mouraria, onde a população envelhecida é muito elevada, é apresentada uma proposta de intervenção para o espaço público como expressão coletiva da sociedade com identidade. O trabalho estrutura-se em três partes: a primeira, expõe a base teórica relacionada com o tema em estudo; a segunda, analisa o Bairro da Mouraria, contexto histórico, estudo da problemática da gentrificação, aumento do turismo e a perda de carácter do lugar.

Descreve também um diagnóstico faseado do bairro e várias atividades realizadas para entender as pessoas que o habitam e nele intervêm; A última parte, apresenta uma solução de desenho do espaço público que procura promover o contacto entre as gerações, fortalecer o sentido de comunidade e induzir o crescimento da economia local, através de práticas urbanas de ecodesenvolvimento.

## ABSTRACT

Based upon an initiative made by the World Health Organization, called Age-friendly Cities - one that envisions an active and inclusive ageing - the work that follows aims to reflect and find more flexible and integrative ways of intervention.

In this sense, the object of study is the Mouraria neighbourhood, where the aged population is at a very high rate. The proposal of intervention for the public space comes through as a collective expression of a society with identity.

The work is structured in three parts: the first being a theoretical base related to the theme of this work; the second analyses the Mouraria Neighbourhood, the upcoming gentrification, the increasing tourism and loss of character in a place. It also describes a diagnosis made through several stages and activities to understand the people who live and interact in it. The third part presents a design solution for the public space that intends to promote the contact between generations, strengthen the sense of community and induce the growth of the local economy, through eco-development practices.



# ÍNDICE

PARTE I - VERTENTE TEÓRICA	
- Cartas	4
1. Introdução	
1.1 Enquadramento	8
1.2 Objetivos	10
1.3 Metodologia	11
1.4 Estrutura do Trabalho	12
2. Estado da Arte	
2.1 Contexto <i>Age-Friendly Cities</i>	16
2.1.1 Exemplos de Casos <i>Age-Friendly</i>	20
2.2 Contexto Histórico	
2.2.1 Sobre o mundo e Portugal	34
2.2.2 Sobre a Mouraria	36
2.3 Práticas urbanas e Ecodesenvolvimento	
2.3.1 A Vida Entre Edifícios de Jan Gehl	46
2.3.2 Microubanismo e Urbanismo Tático de Marcos L. Rosa	50
2.3.3 Ecodesenvolvimento e Economia Colaborativa	52
3. Análise	
3.1 Fase I - Visitas ao Bairro e Reuniões	56
3.2 Fase II - Inquéritos	62
3.3 Fase III - Mapeamento de Percursos e de Território	66
3.4 Fase IV - SWOT Análise	70
3.5 Fase V - Definição do Território de Intervenção e Mapeamento de Atividades	72
4. Proposta de Intervenção	84
5. Considerações Finais	96
6. Bibliografia	98
PARTE II - VERTENTE PRÁTICA	
1. Proposta para o Palácio das Obras Novas	
1.1 Proposta de Grupo	106
1.2 Proposta Individual	110
2. Bibliografia	118

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> . Ícones das diretivas age-friendly (fonte: autora).	18
<b>Figura 2</b> . Mapa da Global Network of Age-friendly Cities and Communities (fonte: <a href="https://extranet.who.int/agefriendlyworld/who-network/">https://extranet.who.int/agefriendlyworld/who-network/</a> ).	19
<b>Figura 3</b> . Barcelona, Age-Friendly City. (fonte: <a href="https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2015/03/Barcelona-Age-friendly-city-Together-we-build-a-city-for-all-ages.pdf">https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2015/03/Barcelona-Age-friendly-city-Together-we-build-a-city-for-all-ages.pdf</a> ).	21
<b>Figura 4</b> . “As ruas também são nossas”. (fonte: <a href="http://acessibilidade-portugal.blogspot.com/2011/04/as-ruas-tambem-sao-nossas.html">http://acessibilidade-portugal.blogspot.com/2011/04/as-ruas-tambem-sao-nossas.html</a> ).	25
<b>Figura 5</b> . “A Rua É De Todos”. (fonte: <a href="http://acessibilidade-portugal.blogspot.com/2011/04/as-ruas-tambem-sao-nossas.html">http://acessibilidade-portugal.blogspot.com/2011/04/as-ruas-tambem-sao-nossas.html</a> ).	25
<b>Figura 6</b> . “Ambition for ageing” - Mapeamento (fonte: <a href="https://www.ambitionforageing.org.uk/">https://www.ambitionforageing.org.uk/</a> ).	26
<b>Figura 7</b> . Rua do Capelão, fotografia analógica (fonte: autora).	32
<b>Figura 8</b> . Projet for Public Space (fonte: <a href="https://www.pps.org/article/jgehl">https://www.pps.org/article/jgehl</a> ).	44
<b>Figura 9</b> . Representação gráfica da relação entre a qualidade dos espaços exteriores e o grau de ocorrência de atividades exteriores. (fonte: Gehl, 2017).	47
<b>Figura 10</b> . “A Vida Entre Edifícios” (fonte: <a href="https://cicloficina.pt/lancamento-livro/">https://cicloficina.pt/lancamento-livro/</a> )	48
<b>Figura 11</b> . Handmade Urbanism (fonte: <a href="https://issuu.com/marcosloza/docs/handmade_urbanism_pdf">https://issuu.com/marcosloza/docs/handmade_urbanism_pdf</a> ).	49
<b>Figura 12</b> . Quotidiano na Calçada de Santo André, fotografia analógica (fonte: autora).	54
<b>Figura 13</b> . Quotidiano na Rua do Benfornoso, fotografia digital (fonte: autora).	60
<b>Figura 14</b> . A Relojoaria do Senhor António, Comércio local, fotografia digital (fonte: autora).	61
<b>Figura 15</b> . Exemplo de Inquérito (fonte: autora).	64
<b>Figura 16</b> . Mapeamento de Percursos diários, feitos pelos residentes da Mouraria (fonte: autora).	67
<b>Figura 17</b> . Mapeamento dos Bairro da Mouraria (fonte: autora).	68
<b>Figura 18</b> . Mapeamento dos locais onde foram feitos os inquéritos; pontos principais e espaços públicos (fonte: autora).	69
<b>Figura 19</b> . Definição do Território de Intervenção: Rua do Benfornoso, Rua dos Cavaleiro e Calçada de Santo André (fonte: autora).	73

<b>Figura 20</b> . Mapeamento das Atividades da Rua do Benfornoso (fonte: autora).	74
<b>Figura 21</b> . Mapeamento das Atividades da Rua dos Cavaleiros (fonte: autora).	76
<b>Figura 22</b> . Mapeamento das Atividades da Calçada de Santo André (fonte: autora).	78
<b>Figura 23</b> . Mapeamento das Atividades da Calçada de Santo André (fonte: autora).	80
<b>Figura 24</b> . Planta de Localização e Planta de Território de Intervenção (fonte: autora).	86
<b>Figura 25</b> . Planta do troço da Rua dos Cavaleiros (fonte: autora).	87
<b>Figura 26</b> . Elementos da proposta de intervenção (fonte: autora).	88
<b>Figura 27</b> . Detalhe da Intervenção (fonte: autora).	89
<b>Figura 28</b> . Menu de Micropráticas (fonte: autora).	90
<b>Figura 29</b> . Fotomontagem da proposta de intervenção - Cinema ao ar livre e Exposição “Comércio no Estendal” (fonte: autora).	92
<b>Figura 30</b> . Fotomontagem da proposta de intervenção - Arte Urbana nas fachadas e Módulo de bancos com reciclagem (fonte: autora).	93
<b>Figura 31</b> . Fotomontagem da proposta de intervenção - Corrimões de marcação de comércio (fonte: autora).	94
<b>Figura 32</b> . Fotomontagem da proposta de intervenção - Canteiros comunitários (fonte: autora).	95
<b>Figura 33</b> . Campos do ribatejo inundados, fotografia analógica (fonte: autora).	104
<b>Figura 34</b> . Proposta de grupo (fonte: autora).	108
<b>Figura 35</b> . Gravura do Palácio das Obras Novas (fonte: ‘Rio Tejo desde os Campos de Salvaterra até ao Carregado’ 1861).	112
<b>Figura 36</b> . Palácio das Obras Novas, fotografia analógica (fonte: autora).	113
<b>Figura 37</b> . Planta de Cobertura (fonte: autora).	114
<b>Figura 38</b> . Planta Piso 0 e Alçados (fonte: autora).	115
<b>Figura 39</b> . Planta Piso 1 e Alçado (fonte: autora).	116

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 .</b> Tabela de casos de estudo age-friendly (fonte: autora).	30
<b>Tabela 2 .</b> Tabela comparativa dos Censos de 2001 e 2011 da atual Freguesia de Santa Maria Maior. (fonte: autora).	62

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo 1</b> . Inquérito Alice Almeida (fonte: autora).	122
<b>Anexo 2</b> . Inquérito Carlos Pereira (fonte: autora).	124
<b>Anexo 3</b> . Inquérito Irene Nóbrega (fonte: autora).	126
<b>Anexo 4</b> . Inquérito José Silva (fonte: autora).	128
<b>Anexo 5</b> . Inquérito Josefina (fonte: autora).	130
<b>Anexo 6</b> . Inquérito Laurinda Sales (fonte: autora).	132
<b>Anexo 7</b> . Inquérito Maria Chaves (fonte: autora).	134
<b>Anexo 8</b> . Inquérito Maria Miranda (fonte: autora).	140
<b>Anexo 9</b> . Inquérito Maria Moreira (fonte: autora).	138
<b>Anexo 10</b> . Inquérito Maria Silva (fonte: autora).	140
<b>Anexo 11</b> . Inquérito Olívia Cardoso (fonte: autora).	142
<b>Anexo 12</b> . Inquérito Anabela Mota (fonte: autora).	144
<b>Anexo 13</b> . Inquérito António Ferreira (fonte: autora).	146
<b>Anexo 14</b> . Inquérito António Manuel (fonte: autora).	148
<b>Anexo 15</b> . Inquérito Nuno Franco (fonte: autora).	150



# PARTE I

VERTENTE TEÓRICA

Exmo. Senhor,

Sou funcionário da Câmara Municipal de Osaka e tenho trabalhado na Secção de Reformulação Urbana desde que me licenciiei na Universidade.

No Japão, as inovações tecnológicas têm trazido consigo a riqueza. Contudo, não passa de riqueza material e não espiritual; o povo sente-se compelido a levar uma vida pobre do ponto de vista espiritual, se a compararmos com o seu nível de vida material.

É muito importante atentar neste ponto quando pensamos numa Reformulação Urbana.

Temos de contar com o espaço destinado a múltiplas actividades dos cidadãos e acalentar as ilimitadas relações humanas.

Assim, penso que é muito útil para nós estudar as praças que têm desempenhado o papel de sala-de-estar dentro da vida urbana das cidades da Europa. Quero estudar essas praças maravilhosas e necessito das vossas explicações sobre os pontos seguintes e de ter a experiência de me colocar, eu próprio, nessas praças:

1- Qual a função que esperam ver desempenhada pelas praças?

2- Como chegam à execução dos desenhos das praças, e quais os métodos da sua administração e manutenção?

3- Em que sentido aceitam os cidadãos as vossas praças?

Ficaria muito agradecido se me enviassem informações que permitiriam realizar o desejo acima expresso.

Agradecendo antecipadamente, sou

Com toda a consideração

*Satoshi Watamori*

Serviços de Reformulação Urbana

O dia-a-dia do funcionário municipal é, por norma, marcado pelo seu tecnicismo frio, pela secura burocrática, pelo afã rebuliceiro dos telefonemas, recados, reuniões ordens de serviço, despachos, por todo aquele frenesi no qual tantos assuntos se multiplicam, a atenção se tresmalha, a importância e urgência dos casos mutuamente os anula e os funcionários que somos, acabamos por apenas funcionar, informando, coligindo, expondo, discutindo, acatando, vendo tudo cinzento, sem arestas, sem contornos, sem ideal, sem vida.

Por vezes um problema aparentemente comezinho, provoca – sabe-se lá porquê – um safanão no nosso pacífico ram-ram e a música do interesse profissional acorda velhas energias perdidas, anseios esquecidos, preocupações há muito arrecadadas; em resultado, surge um trabalho sentido, absorvente, intenso, que paga anos “apagada e vil tristeza”. Uma carta formal e seca de um longínquo japonês, fez surgir neste já antigo servidor de Lisboa teimosos sentimentos de “homo-urbanus olissiponensis”, nos quais a velha Cidade trapaceira é useira e vezeira, desafiando os que se lhe dedicam e os que tentam desvendar os seus bem guardados segredos.

Depois... talvez apaixonadamente aconteceu o inevitável para quem servir transcende a estrita obrigação; aconteceu a apropriação do trabalho próprio e o desejo de o discutir entre nós, porque à Cidade e aos lisboetas muito mais respeita afinal, do que a um remoto técnico estrangeiro, interessado sobretudo em fenomenologias comparadas de âmbito internacional, ou análises globais de materializações de determinada civilização e não em reflexões feitas em nossa casa, versando problemas próprios, de interesse particularizado.

Aqui fica portanto o pedido de desculpas a SATOSHI WATAMORI por esta transformação da sua ideia e da sua carta em um “plaidoyer” de portas-a-dentro, em uma conversa à portuguesa. Aqui fica também expressa a dedicatória deste modesto trabalho à Cidade de Lisboa, feito por alguém que desde há bastante tempo a serve, muito lhe quer e pensa que ela tudo merece.

Lisboa, Janeiro de 1977



# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 ENQUADRAMENTO

Nas duas cartas anteriores, datadas do século XX, antevemos que Satoshi Watamori percebe uma realidade diferente so funcionário da Câmara Municipal. A reflexão que se apresenta nesta investigação é uma projeção da interpretação dessas duas realidades. As distintas percepções da realidade são partes fragmentadas que formam um conjunto.

A presente dissertação é resultado da investigação realizada pela autora sobre a Mouraria, do que foi possível perceber num tempo limitado, mas que de modo algum pode ser vista como única para o território, pois apenas quem utiliza o espaço diariamente consegue realmente atuar sobre ele. O tema ‘Mouraria *Age-friendly*’, surge de olhar crítico sobre as cidades contemporâneas. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002), a proporção de pessoas acima de 60 anos está a crescer rapidamente em todo o mundo. Cenário, também, é visível em Portugal. Segundo dados mais recentes do INE (2010) verifica-se um continuado de envelhecimento demográfico, numa relação de 118 idosos por cada 100 jovens. Esta realidade, trás novos desafios à prática arquitetónica, focando-se cada vez mais na qualidade de vida das pessoas na urbe. A OMS tem feito uma reflexão crítica sobre o envelhecimento ativo e saudável. O conceito de “envelhecimento ativo consiste no processo de consolidação das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança, com o intuito de melhorar a qualidade de vida, à medida, que as pessoas envelhecem (OMS, 2002, p.14). Este conceito aplica-se a indivíduos e a grupos populacionais.

A intervenção da presente investigação enquadra-se na Diretiva de Espaço público e Edifícios da OMS, mais particularmente no elemento morfológico rua. O espaço público é entendido como expressão colectiva da sociedade. Trata-se de um espaço funcional polivalente que relaciona o todo, ordena as relações entre os elementos construídos e as múltiplas formas de mobilidade e de permanência das pessoas (Borja, 2003). É cenário da interação social, respondendo às actividades colectivas, e simbólica, no intercâmbio e diálogo entre os membros de uma comunidade.

Neste contexto, a Mouraria é o objeto de estudo ideal. É ao mesmo tempo um território olissiponense, mouro e português, acumulado sobre diferentes camadas resultando num todo, no tempo atual. As camadas de realidade que se foram sobrepondo ao longo dos séculos, fizeram deste bairro algo transcendente a si mesmo e, o facto desta característica por vezes ser perdida numa idealização descaracterizada, não torna menos verdadeira a percepção bairrista e multicultural, ainda que

fragmentada, para quem lá passa. É um ambiente que poucos lugares históricos em Lisboa ainda mantêm.

Voltando as duas cartas anteriores, é interessante ver como o tema é tão atual e pertinente. A percepção da realidade por parte de Satoshi Watamori, daquilo que são as praças ocidentais europeias e daquele que é o ponto de encontro da comunidade desde os tempos dos gregos e romanos, é uma idealização da vida quotidiana. Em contraposição, a resposta do funcionário municipal cansado e um tanto saudosista, demonstra um ponto de vista mais frio e seco daquele que é o dia-a-dia de quem que desenha esses espaços. No entanto, é no meio destas duas interpretações, entre a idealização do urbanista japonês e o trabalho do funcionário municipal, que se desenrola um quotidiano com pessoas que se apropriam do espaço público e atuam sobre ele.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão crítica sobre as problemáticas no bairro da Mouraria, tendo em conta as diretivas Age-friendly para o espaço público. Bem como, questionar o papel do arquiteto na promoção de um desenho urbano que incremente o envelhecimento ativo e participativo da comunidade e as relações intergeracionais, através de uma proposta de intervenção de espaço público e de um modelo de ecodesenvolvimento.

## 1.3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta investigação passou por envolver métodos qualitativos de análise e uma proposta arquitetónica, desenvolvendo-se em sete fases.

A primeira consistiu numa revisão bibliográfica sobre a temática em estudo. A segunda baseou-se num reconhecimento do território através de visitas, conversas com pessoas que vivem e trabalham na Mouraria, reportagens fotográficas e reuniões com pessoas que intervêm na Mouraria.

A terceira fase foi realizada através de inquéritos a indivíduos com mais de 55 anos sobre o espaço público e mobilidade na Mouraria. Na quarta fase foram elaborados elementos gráficos que sintetizam as fases anteriores como mapeamentos de território e mapeamentos de percursos, que ajudaram na restrição do território de intervenção. Seguiu-se para uma SWOT análise do bairro em estudo.

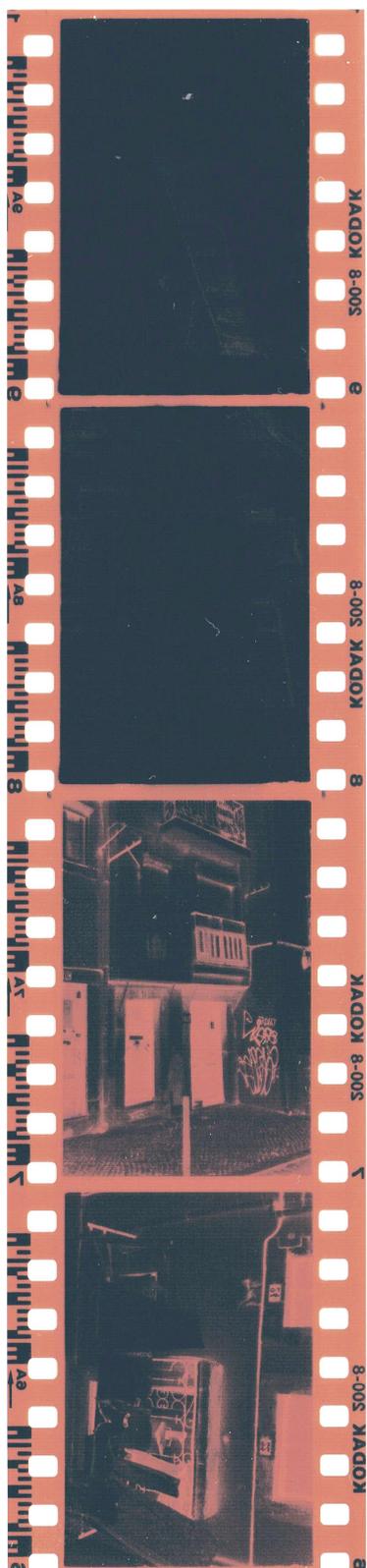
Após decisão do território de intervenção, seguiu-se para uma sexta fase, na qual foram realizadas montagens fotográficas sobre as atividades de comércio e serviços existentes nas três ruas selecionadas: Rua do Benfornoso; Rua dos Cavaleiros; e Calçada de Santo André.

Na última fase, foi realizada uma proposta de intervenção urbanística para o território em estudo.

## 1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está dividido em 3 partes: a primeira, Estado-da-Arte sobre o tema “Age-friendly Cities” a nível mundial, a situação age-friendly em Lisboa e a contextualização histórica do bairro de intervenção; a segunda reflete a análise realizada ao Bairro da Mouraria, pertencente à Freguesia de Santa Maria Maior, e a terceira parte, consiste na proposta de intervenção age-friendly e ecodesenvolvimento.





## 2. ESTADO DA ARTE

## 2.1 CONTEXTO AGE-FRIENDLY CITIES

A Organização Mundial de Saúde (OMS) criou em 1987, um plano a nível europeu chamado European Healthy Cities Network, onde atualmente já fazem parte quase 100 cidades de 30 países diferentes. O projeto tem como objetivo incentivar as cidades a melhorarem as suas infraestruturas de modo a tornar a população mais saudável e ativa.

Após um relatório feito sobre experiências de vivências com idosos, no âmbito da European Healthy Cities Network, a OMS iniciou, em 2007, um novo projeto chamado Age-Friendly Cities que tinha como objetivo promover um envelhecimento feliz e saudável, através do redesenho das cidades e/ou aglomerados urbanos com infraestruturas adequadas à população idosa, tornando-a parte ativa e participativa da comunidade.

O conceito age-friendly cities é definido pela OMS como “um ambiente urbano que suporta e encoraja um envelhecimento ativo” (Organization, 2007, p. 1). Esta iniciativa assenta sobre 8 diretrizes nas quais os projetos devem ser total ou parcialmente apoiados, sempre em articulação com o contexto no qual estão inseridos. São elas: (1) Espaço público e Edifícios; (2) Transportes; (3) Habitação; (4) Participação Social; (5) Respeito e Inclusão Social; (6) Participação Social e Emprego; (7) Comunicação e Informação; (8) Serviços de Saúde e Comunidade (Figura 1).

Apesar de, inicialmente ser um conceito aplicado apenas na Europa, em 2010, somou-se a este projeto uma rede global de participantes, a Global Network of Age-Friendly Cities, na qual fazem parte, atualmente, 287 cidades e comunidades à volta do mundo (Figura 2).

Em cada intervenção, devem ser tidos em conta não só as pessoas idosas, mas também os cuidadores (como enfermeiros, tutores, familiares e auxiliares de saúde) e os prestadores de serviços (como condutores de autocarros ou outros transportes públicos e farmacêuticos).

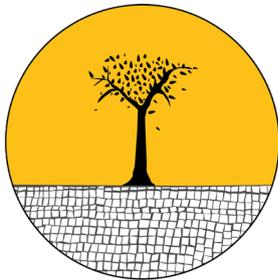
Os territórios de intervenção variam de cidade para cidade, no caso de grandes cidades são eleitos bairros específicos para aplicar estas iniciativas, no caso de pequenos aglomerados urbanos é utilizada a área total (Plouffe, Kalache and Voelcker, 2016) (Organization, 2007) (Buffel and Phillipson, 2016).

A cidade de Lisboa ainda não faz parte desta rede, no entanto, Portugal já conta com 13 municípios integrantes: Alfândega da Fé, Castro Martim, Gondomar, Maia, Matosinhos, Odivelas, Oliveira de Azeméis, Ponte de Sôr, Porto, Santa Maria da Feira, Setúbal, Torres Vedras e Vila Nova de Foz Côa

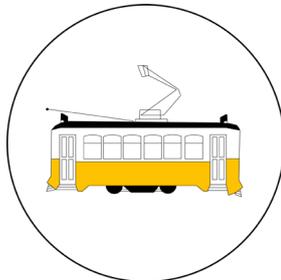
(WHO).

Várias experiências têm sido feitas por arquitetos, destaca-se o arquiteto e urbanista Jan Gehl pela reflexão crítica que tem realizado nos seus projetos para o espaço público. Gehl desenha o espaço público partindo das relações entre pessoas e por isso, os aspetos sociais são tão importantes como as infraestruturas que os sustentam e/ ou promovem (Gehl, 2017). Segundo o autor, as atividades exteriores em espaços públicos podem incluir aquelas que são obrigatórias (ir ao médico, ir às compras, ...), as que se participa se houver um desejo, tempo e lugar, e as atividades que dependem da presença de outros nos espaços públicos, onde se inclui ler, conversar, ver, ouvir os outros.

Os princípios de desenho de espaços Age-Friendly que apoiam as atividades exteriores é da maior importância para as cidades contemporâneas. Tal extensão de oportunidades para permanecer no exterior onde se realizam exatamente atividades sociais é sem exceção uma valiosa contribuição para a qualidade de vida nas cidades (Figura 8).



1. Espaço Público e Edifícios



2. Transportes



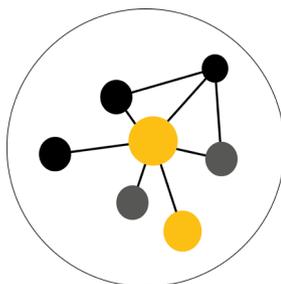
3. Habitação



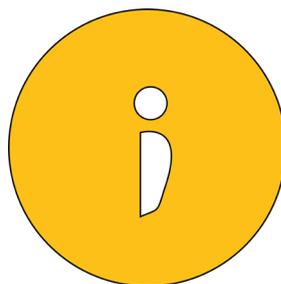
4. Participação Social



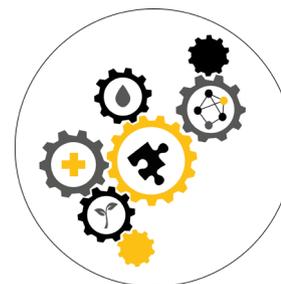
5. Respeito e Inclusão Social



6. Participação Social e Emprego



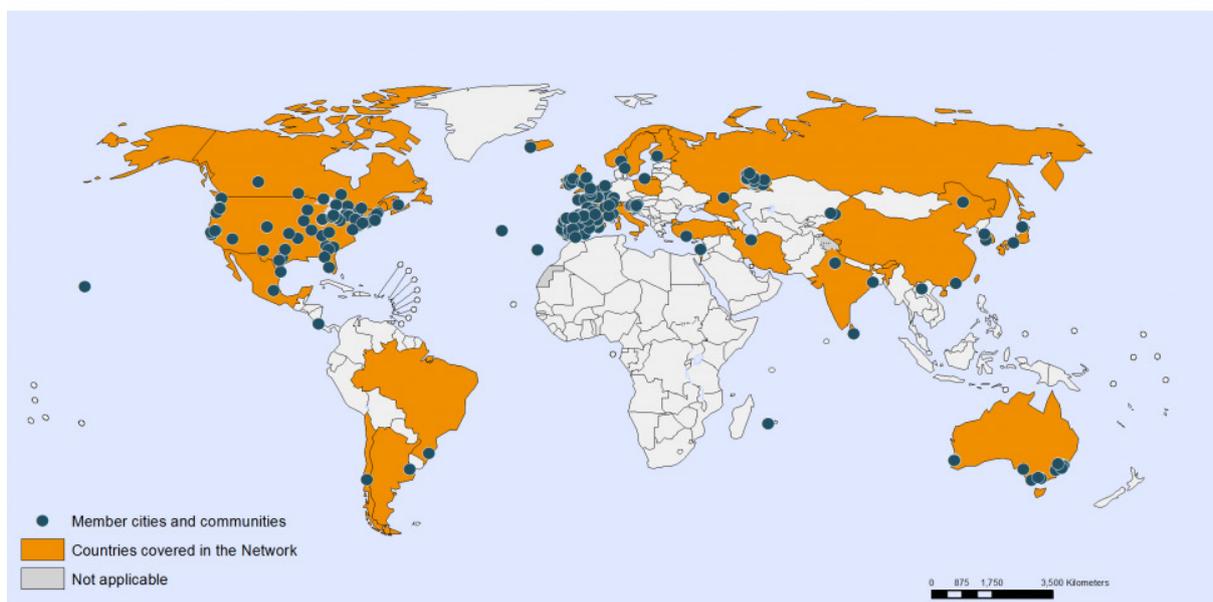
7. Comunicação e Informação



8. Serviços de Saúde e Comunidade

Figura 1 . Ícones das diretivas *age-friendly* (fonte: autora).

## WHO Global Network of Age-friendly Cities and Communities



The boundaries and names shown and the designations used on this map do not imply the expression of any opinion whatsoever on the part of the World Health Organization concerning the legal status of any country, territory, city or area or of its authorities, or concerning the delimitation of its frontiers or boundaries. Dotted and dashed lines on maps represent approximate border lines for which there may not yet be full agreement.

Data Source: World Health Organization  
Map Production: Health Statistics and  
Information Systems (HSI)  
World Health Organization



© WHO 2015. All rights reserved.

Figura 2 . Mapa da Global Network of Age-friendly Cities and Communities (fonte: <https://extranet.who.int/agefriendlyworld/who-network/>).

## 2.1.1 EXEMPLOS DE CASOS AGE-FRIENDLY

Para melhor entender aquilo que já foi feito a nível mundial, foram recolhidos casos de estudo age-friendly, alguns dos quais estão dentro da Rede *Age-Friendly Cities* e outros são casos que por alguma razão têm pertinência para o estudo deste trabalho. Dos 11 casos recolhidos, mostrados na tabela em anexo (Figura 3) destacam-se os das seguintes cidades: um caso em Barcelona, dois casos em Lisboa e um caso em Manchester.

Para melhor entender a extensão do tema a nível mundial, foram recolhidos casos de estudo Age-Friendly, alguns dos quais estão dentro da Rede *Age-Friendly Cities* e outros são casos que por alguma razão têm pertinência para este estudo.

Dos 11 casos recolhidos, on-line, identificados na tabela em anexo (Tabela 1) destacam-se as seguintes cidades: um caso em Barcelona, dois casos em Lisboa e um caso em Manchester.

### Barcelona Age-Friendly City

Barcelona é uma cidade na região da Catalunha, em Espanha que tem uma área de 101,4 km<sup>2</sup> e 1 608 746 habitantes (Wikipedia, 2017). No que concerne as medidas age-friendly, já desde de 2009 que contam com o projeto “Barcelona, Age-Friendly City” (Figura 4). A cidade já era conhecida por criar ambientes inclusivos e promover vidas ativas para todas as idades e a junção ao programa da OMS veio reforçar essas ideias tendo objetivos no seguimento das diretivas da mesma. Criando cidades acessíveis e participativas para idades avançadas, promovem o bem-estar ativo da população idosa. Fazem-no através de reuniões participativas, promovidas pelo próprio Ajuntamento de Barcelona, com governantes, cuidadores, prestadores de serviços e pessoas com 65 ou mais anos, para criar medidas de intervenção que resultem a favor dessa faixa etária.

Os objetivos principais são promover a diversidade e segurança, numa cidade onde as pessoas possam envelhecer saudáveis e tenham uma participação ativa na comunidade.

Os resultados refletem-se em 218 iniciativas age-friendly como por exemplo: o “Radars Project”, no qual criaram um sistema para prevenir o isolamento social através de voluntários que alertam os serviços sociais cada vez que identificarem alguém numa situação débil; ou o “Activa’t als Parcs” onde são feitos encontros para praticar desporto sob a supervisão de um instrutor; ou ainda o

“Meals in Company” que promove a socialização de idosos durante as refeições.

As relações sociais e intergeracionais são reforçadas não só a nível de tomadas de decisões para a própria cidade, mas também promovidas por iniciativas de levar comida ou fazer desporto que permite relações com as diferentes faixas etárias (Senesciència, no date).

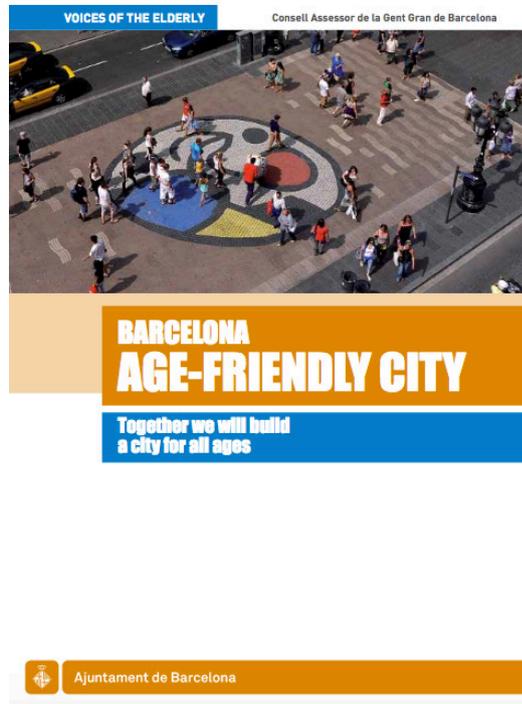


Figura 3 . Barcelona, Age-Friendly City. (fonte: <https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2015/03/Barcelona-Age-friendly-city-Together-we-build-a-city-for-all-ages.pdf>).

Lisboa: “As ruas também são nossas” e “A Rua é de Todos”

Dois casos de estudo relevantes desenvolveram-se na cidade de Lisboa. A capital portuguesa tem uma área aproximada de 100 km<sup>2</sup> e uma população de 500 800 habitantes, dentro dos seus limites administrativos, sendo que chega aos 2,5 milhões de habitantes na área metropolitana da mesma (Wikipedia, 2017).

A cidade não pertence a à Rede Age-Friendly Cities, mas tem atividades pontuais relacionadas com o tema (figura 5) . Um dos projetos estudados foi “As ruas também são nossas”, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa para entender as necessidades e dificuldades de pessoas idosas quando se movem na cidade. Com o objetivo de recolher informação para o Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa e atendendo a três pontos principais do espaço público – passeios, passadeiras e acesso aos transportes públicos – foi feita uma sessão no Mercado da Ribeira a 21 de setembro de 2010.

A sessão, permitiu apresentar temas sobre a importância do envelhecimento ativo e participativo na comunidade e como o espaço público têm um papel crucial nesse envelhecimento. Sendo que já existe na Constituição da República Portuguesa esse tópico descrito no artigo 72º, nº1 “As pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social.” (Assembleia da República, 2005) faltava aplicar, no planeamento urbano, algumas diretivas que facilitassem o quotidiano desta faixa etária.

Nesta sessão, apenas foram convocadas pessoas acima dos 55 anos de idade, uma vez que é a idade a partir da qual se começa a notar diminuição de algumas capacidades motoras e cognitivas e que, pelos mesmos motivos ou por razões financeiras, muitas vezes são as que apenas se podem deslocar a pé ou de transportes públicos e não em veículo próprio.

A recolha de informação para obter os resultados foi feita a partir de três ferramentas – um inquérito para resposta individual, perguntas de “braço no ar” e fichas temáticas para preenchimento em grupo. Para além dos participantes, estiveram presentes os elementos da Câmara Municipal e um

grupo de mediadores voluntários, também eles com idade acima dos 55 anos, demonstrando uma participação ativa desta faixa etária na comunidade ao mesmo tempo que cria uma ligação horizontal com os inquiridos.

No total participaram cerca de 200 munícipes, número que apesar de não ser uma amostra representativa, revela necessidades importantes que não devem ser deixadas passar, devendo notar-se que 87,9% dos participantes declararam sair à rua diariamente.

Os resultados revelaram que 43% (de 158 participantes) responderam afirmativamente à pergunta “Tem alguma dificuldade de mobilidade?” e os locais mais frequentados foram o centro de dia e centros recreativos, a farmácia, o posto médico e a igreja.

Após análise dos resultados recolhidos, percebeu-se que a principal preocupação dos moradores são os passeios – degradados, em mau estado/ esburacados, interrupção de passeio, ocupados com obstáculos, calçada escorregadia por estar demasiado polida ou cheia de folhas e estacionamento abusivo. Estes factos refletem-se em receio de cair e de sair à rua, dificuldade em chegar a um ponto e consequentemente perda de confiança e isolamento social.

As conclusões a que se chegaram com este processo foi que a intervenção nos passeios era prioritária pois a atual “rede de percursos pedonais não proporciona as devidas condições de segurança e conforto a grande parte dos lisboetas com 55 ou mais anos de idade” e que com “o envelhecimento demográfico este tipo de problemas irá afetar um número cada vez maior de pessoas (...), ameaçando a sustentabilidade social e económica do concelho”. (Gouveia, Simões and Nave, 2011) Diretivas da OMS aplicadas: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8.

O segundo caso de estudo em Lisboa foi “A Rua é de Todos”, uma atividade inserida no projeto BIP-ZIP – Pampulha Cria Valor 2.0 iniciado em 2015 (figura 6) . “A Rua é de Todos” foi realizada entre outubro de 2016 e outubro de 2017 em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, o BIP-ZIP e o ISCTE-IUL e instituições de apoio como o Centro de Convívio do Centro Social e Paroquial S. Francisco de Paula e o Centro de Dia Frei Miguel Contreias.

O projeto realizou-se na Pampulha, no Vale de Alcântara, e foi escolhido por ter uma percentagem elevada de residentes com mais de 65 anos de idade. Com o objetivo de combater o isolamento

social, acessibilidade aos espaços públicos e promover o comércio local, e entendendo que “os laços da comunidade que se criam num bairro não estão isolados do planeamento urbano” (Jacinto, 2017) foi desenvolvido um projeto em três fases: mapeamento das necessidades de acessibilidade no espaço público; análise dos resultados e informação recolhida através de várias ações; produção e apresentação de propostas para a melhoria da acessibilidade de espaço público e de duas propostas para locais específicos do território.

O mapeamento das necessidades foi feito a partir de passeios individuais com pessoas idosas, onde uma das coordenadoras do projeto acompanhava um morador num percurso habitual do seu dia-a-dia para que lhe mostrasse quais os problemas com os quais se deparava no seu quotidiano e porquê.

Ao longo do percurso, foi feito um guião de entrevista para apurar a caracterização sociodemográfica de cada participante, perceber quais as suas maiores dificuldades no território e compreender quais os locais mais frequentados. No total foram efetuados passeios com oito moradores. Para além dos passeios, foi entregue a cada participante uma câmara fotográfica descartável para que durante algumas semanas fotografassem obstáculos que encontrassem. No final conversou-se com cada participante para que mostrassem as suas fotografias, o local onde tinham sido tiradas e as razões pelas quais as fotografou.

A análise dos resultados foi feita em quatro pontos principais: avaliação dos percursos percorridos com as pessoas idosas; compilação das sugestões dadas para o território através do guião semiestruturado; análise dos depoimentos recolhidos nas conversas pós fotografias e verificação dos locais mais frequentados pelos moradores no território. Com base nestes dados foram criados mapas dos oito percursos percorridos, dos pontos críticos que careciam de melhoria de acessibilidades e locais mais frequentados.

Desta forma, chegou-se à conclusão de que existiam duas zonas que precisavam de intervenção mais imediata – a Rua do Olival e a área junto à farmácia e sua envolvente, que inclui a Praça de Táxis e acesso à paragem de autocarros na Calçada da Pampulha. Mais uma vez, as principais críticas recaíram nos passeios que estavam deteriorados, com estacionamento abusivo, lixo e obstáculos, no facto de serem demasiado estreitos e na falta de locais de descanso.

Apesar de terem sido concebidas propostas de projeto para os dois pontos anteriores, numa reunião de parceria, realizada a 24 de maio de 2017, foi dito que não havia viabilidade para a realização do mesmo pelo que foi necessário escolher diferentes áreas de atuação. Foi então feito uma proposta de banco para a Paragem na calçada da Pampulha e um Corrimão da Travessa São João de Deus e Beco do Olival. (Jacinto, 2017)



#### Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa



Figura 4 . “As Ruas também são Nossas”. (fonte: <http://acessibilidade-portugal.blogspot.com/2011/04/as-ruas-tambem-sao-nossas.html>).



Figura 5 . “A Rua É De Todos”. (fonte: Relatório Pampulha Cria Valor).

Manchester, “Ambition for Ageing”

O quarto caso de estudo foi desenvolvido numa das cidades mais ativas no que toca às comunidades age-friendly. O Projeto “Ambition for Ageing”, foi criado em Manchester, em 2016 e prolonga-se até 2020. A cidade de Manchester, no Reino Unido, tem uma população de 441.200 pessoas numa área de 115,65 km<sup>2</sup>. Pertencente à rede cidades age-friendly desde 2010, conta com mais 100 organizações envolvidas em iniciativas age-friendly (Council, 2010).

O projeto “Ambition for Ageing” atua em 3 bairros da cidade: Burnage, Hulme & Moss Side e Moston & New Moston e tem como objetivo a eliminação do isolamento social e o empoderamento da população idosa para viver uma vida preenchida. Foram realizados 68 inquéritos para identificar situações problemáticas. Os resultados traduziram-se no melhoramento de parques no bairro, transporte específico para idosos e espaços de encontro para socializar dentro do bairro. O facto de idosos terem trabalhado em conjunto com o coletivo do projeto faz com que a comunidade tenha maior confiança nos seus líderes e se sinta empoderada pela responsabilidade partilhada (Manchester School of Architecture, 2016), (Greater Manchester Center for Voluntary Organisation, no date)



Figura 6 . “Ambition for ageing” - Mapeamento (fonte: <https://www.ambitionforageing.org.uk/>).



Cidade, País	Área da Cidade ou Território	Habitantes da Cidade ou Território	Zona ou Bairro de Atuação dentro da cidade	Nome do Projeto	Autores/ Nome do Coletivo	Ano	Número de Participantes	Objetivos
Barcelona, Espanha	101,4 km 2	1 608 746 pax	Barcelona cidade	"Barcelona, Age-friendly City"		2009		Barcelona já era conhecida por criar ambientes inclusivos e promover vidas ativas para todas as idades e a junção ao programa da OMS veio reforçar essas ideias tendo objetivos no seguimento das diretivas da mesmas para criar cidades acessíveis e participativas para idades, promovendo o bem estar ativo da população idosa. Os objetivos principais são: promover a diversidade e segurança numa cidade onde envelhecem saudáveis e onde tenham uma participação ativa na comunidade
Copenhaga, Dinamarca	77,2 km 2	560.557 pax	Copenhaga	está na rede "Healthy Cities"	OMS	1989		Juntar atividades tradicionais do país com as novas tecnologias
Estocolmo, Suécia	381,63 km 2	807.311 pax	Estocolmo					Juntar atividades tradicionais do país com as novas tecnologias
Guanajuato (cidade), México	99.674 km 2	172.709 pax	Guanajuato cidade	-				Tornar o Estado de Guanajuato numa age-friendly city, conservando a cultura mexicana e consolidando a herança já existente. Atrair para o Estado idosos mexicanos, mas também dos países fronteiriços como os EUA numa ideia de envelhecimento prazeroso.
Lisboa, Portugal	100,05 km 2	506 892 pax	Lisboa	"Andá Lisboa!" - plano de acessibilidade pedonal	CML	2013	-	prevenir a criação de novas barreiras; eliminar as barreiras existentes; mobilizar a comunidade
Lisboa, Portugal	100,05 km 2	506 892 pax	Lisboa	"Uma praça em cada bairro"	CML	2014	-	"A partir de uma praça, de uma rua, de uma zona comercial, do jardim do bairro ou de um equipamento coletivo existente ou projetado propõe-se organizar um ponto de encontro da comunidade local, uma microcentralidade que concentre atividade e emprego, que se consagre como espaço público de excelência e local de estar, onde se privilegiem os modos suaves de locomoção, marcha a pé e bicicletas, os transportes públicos e onde o trânsito automóvel será condicionado."

Metodologia	Resultados	Relações sociais e/ou intergeracionais	Patrocínio do Projeto	Diretivas da OMS aplicadas	Observações
<p>o Ajuntamiento de Barcelona faz reuniões participativas com governantes, caregivers, service providers e pessoas com 65 ou mais anos, para criar medidas de intervenção que resultem a favor dessa faixa etária.</p>	<p>218 iniciativas age-friendly. Por exemplo o "Radars Project", no qual criaram um sistema para prevenir a isolamento social através de voluntário que alertam os serviços sociais cada vez que notarem alguém numa situação débil; ou o "Activa't als parcs" onde são feitos encontros para praticar desporto sob a supervisão de um instrutor; ou ainda o "meals in company" que promovem a socialização de idosos durante as refeições.</p>	<p>Não só a nível de tomadas de decisões para a própria cidade, mas essas relações foram também promovidas pela iniciativas de levar comida ou fazer desporto que formam relações com as diferentes faixas etárias</p>			
	<p>Existem bares onde se bebe cerveja e se joga bilhar e se juntam novas tecnologias; 41% dos habitantes utilizam bicicleta para deslocar-se e existe uma cultura da bicicleta.</p>				<p>Existe uma coesão na adoção de medidas dos países nórdicos.</p>
	<p>Criaram o iPad Café que convida pessoas a beber café e aprederem a usar tablets e outros objetos tecnológicos</p>				<p>Existe uma coesão na adoção de medidas dos países nórdicos.</p>
<p>Juntar numa equipa um coletivo de profissionais como oficiais do governo e da câmara, académicos, agente de saúde e segurança social, comerciantes e agências locais e propor e discutir medidas age-friendly, aproveitando as potencialidades já existentes. Já está a ser feita uma consciencialização social.</p>	<p>Anteriormente já tinha sido feita uma iniciativa pela esposa de um dos governadores onde era entregue em casa dos idosos que não tinham condições para se deslocar, frutas e vegetais frescos do mercado. Como próximo posso pensar criar melhor acessibilidade aos transportes, espaços verdes recreativos, habitação de baixo custo e expansão de alguns serviços como criação de centro de emprego.</p>	<p>Foi feita uma relação intergeracional aquando da iniciativa da esposa do governador</p>			<p>Atualmente o México não é um país com população envelhecida mas está previsto uma mudança deste panorama para 2050.</p>
			CML		
			CML		<p>Não são projetos age-friendly mas são iniciativas em Lisboa que promovem a inclusão de toda a comunidade e melhoram a mobilidade e acessibilidade da cidade.</p>

Cidade, País	Área da Cidade ou Território	Habitantes da Cidade ou Território	Zona ou Bairro de Atuação dentro da cidade	Nome do Projeto	Autores/ Nome do Coletivo	Ano	Número de Participantes	Objetivos
Lisboa, Portugal	100,05 km <sup>2</sup>	506 892 pax	Lisboa	"As ruas também são nossas"	CML	2011	200 (com +55 anos, quase 9 em cada 10 tinham +65, 84,6% mulheres e 65,7% viviam sozinhos)	recolher informação para o Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa, atendendo especialmente a três pontos principais do espaço público: passeios, passadeiras e acesso aos transportes, a partir da experiência pessoal de utilizadores acima dos 55 anos de idade. Visando tornar Lisboa, uma cidade com 25% da população envelhecida, uma cidade onde se possa envelhecer de maneira saudável e ativa. o espaço público que serve pessoas mais idosas continua adequado as pessoas com menos dificuldades de mobilidade.
Lisboa, Portugal			Pampulha, Vale de Alcântara	"A rua é de todos"	CML, BIP-ZIP, ISCTE-IUL	2016 - 2017		inserido no projeto BIP-ZIP "Pampulha Cria valor 2.0, o projeto visava entender a acessibilidade e as dificuldades no território para intervir em dois aspetos que se considerassem mais importantes, combatendo em última instância o isolamento social e adequand a cidade à população envelhecida.
Manchester, Reino Unido	115,65 km <sup>2</sup>	441.200 pax	Burnage, Moston & New Moston, Hulme, Moss Side, Miles Patting	"Ambition for Ageing"	Manchester Age-Friendly Neighbourhood team (MAFN); Tine Buffel	2016 - 2020	123	Eliminação do isolamento social; Empoderamento da população idosa a viver uma vida preenchida
Victoria (estado), Austrália	237,639 km <sup>2</sup>	6 039 100 pax	Melbourne	"Victoria Walks"	Movendo (Jose Mantilla) e Victoria Walks (Duane Burt) em colaboração com Municipal Association of Victoria	2016	Em 2014 fizeram um workshop com 40 representantes de concelhos locais	Numa linha de objetivos mais virada para o desenho urbano de estradas e passeios, relacionando os veículos, as pessoas idosas e o espaço público e com o objetivo final de incentivar a faixa etária mais elevada a caminhar mais.

Tabela 1 . Tabela de casos de estudo *age-friendly* (fonte: autora).

Metodologia	Resultados	Relações sociais e/ou intergeracionais	Patrocínio do Projeto	Diretivas da OMS aplicadas	Observações
<p>A 21 de setembro de 2010 no Mercado da Ribeira, decorreu uma sessão sobre os três temas anteriormente referidos e a importância do envelhecimento e do espaço público, onde foi feita uma explicação do tema a tratar e depois três ferramentas de recolha de informação: um inquérito individual, perguntas de "braço no ar" e um inquérito de grupo, sendo que os participantes estavam agrupados em mesas para realizarem as atividades. Os inquiridos foram pessoas acima dos 55 anos porque Lisboa tem uma população bastante envelhecida, com tendência a aumentar e são eles os que mais andam a pé e que ao mesmo tempo têm maiores dificuldades de mobilidade.</p>	<p>apesar da amostra não ser XXX é uma amostra significativa e que revela a importância de melhorar o espaço público. Após análise dos resultados percebeu-se que a principal preocupação são o passeios pelo que vão ser feitas melhorias a esse nível pela CML</p>	<p>relação direta entre a CML e os utilizadores das ruas de Lisboa, sendo que esta atividade foi feita com pessoas idosas, coordenadores do PAP e voluntários também com 55 anos para cima, o que já revela uma participação ativa na comunidade por parte dessa faixa etária</p>	<p>CML</p>		
<p>Feito com pessoas idosas e ocorreu em três fases: mapeamento das necessidades de acessibilidade no espaço público, análise dos resultados e informação recolhida através de várias ações; produção e apresentação das propostas para a melhoria da acessibilidade de espaço público, e de duas propostas concretas para locais específicos. O mapeamento foi feito através de reuniões participativas, encontros no bairro, inquérito individual, passeios individuais com os participantes e coordenadoras do projeto pelos sítios que os moradores iam habitualmente e foram entregues câmaras fotográficas descartáveis para que os participantes usassem no seu dia-a-dia quando encontravam problemas de acessibilidade.</p>	<p>Com base nos resultados das várias atividades realizadas percebeu-se que havia duas zonas que careciam de intervenção - a Rua do Olival e a Área junto à Farmácia e sua envolvente, incluindo a Praça de Táxis e acesso às paragens de autocarro na Calçada da Pamoula .</p>	<p>estabeleceu relações participativas entre os moradores e entidades de Lisboa que promovem a inclusão social</p>	<p>CML</p>		
<p>O total de participantes foram divididos em 14 grupos e foram realizadas 68 inquéritos feitos por idosos dentro dos 123</p>	<p>Foram identificadas situações para melhoramento de parques no bairro; transporte específico para idosos; espaços de encontro para socializar dentro do bairro; tudo isto tornou a população mais ativa e feliz</p>	<p>o facto de idosos terem trabalhado com o coletivo do projeto faz com que a comunidade tenha maior confiança nos líderes e se sinta empoderada pela responsabilidade partilhada</p>	<p>The Big Lottery</p>		
<p>Foi feito um levantamento exaustivo sobre os locais exatos onde existem mais acidentes, as razões e a faixa etária que os mesmo afetam; Revisão da literatura atual; Reuniões de consulta com especialistas, Vicroads e concelhos locais; Análise de dados sobre acidentes envolvendo peões idosos em Victoria; Recomendações de desenho de vias e seus ambientes com a finalidade de as tornar mais seguras para a utilização de idosos.</p>	<p>8 pontos principais no desenho de ruas: 1. separação do trânsito, 2. Redução de velocidade máxima (passou de 60 km/h para 50 km/h e o objetivo é mudá-lo para 30 km/h), 3. Simplificação da sinalização para atravessar a estrada, 4. Redução da distância de atravessamento, 5. Aumento do tempo para atravessar a estrada, 6. Aumento da visibilidade dos peões, 7. Aumento da sinalização de cedência de passagem para os peões, 8. Qualidade de superfícies e pavimento e design detalhado e adequado.</p>		<p>Transport Accident Commission; VicHealth's</p>		



Figura 7 . Rua do Capelão, fotografia analógica (fonte: autora).

## 2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO BAIRRO

## 2.2.1 SOBRE O MUNDO E PORTUGAL

A explosão demográfica nas cidades, causada pela Revolução Industrial do século XIX, levou a uma crescente urbanização das várias partes do mundo que muitas vezes se refletiu num planeamento urbano desordenado. (Capel, 2003)

Por outro lado, o aumento do envelhecimento populacional, quer a nível europeu, quer a nível global, passou a ser um problema que carece de soluções bem planeadas e a longo prazo.

Tendo em conta que, principalmente, na europa a população idosa aumentou drasticamente nas últimas décadas e que a população se reforma entre os 60 e os 70 anos, sobram entre 10 a 20 anos de vida, que devem ser aproveitados através de estímulos pessoais, sociais e económicos.

Nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a população idosa (65 anos e acima), aumentou de 7,7% em 1950, para 17,8% em 2010 e espera-se que chegue aos 25% em 2050. (Buffel and Phillipson, 2016). Numa perspetiva mundial entende-se que os 11% de população envelhecida mundial (60 anos e acima), contabilizados em 2006 irão transformar-se em 22% até 2050 (Organization, 2007).

Até 1990, os países desenvolvidos tinham aproximadamente a mesma percentagem de crianças (15 anos e abaixo) e idosos (55 anos e acima), cerca de 22%; e os países em desenvolvimento, por contraste, tinham 35% de crianças e 10% de idosos.

No século XXI o paradigma alterou-se, percebeu-se que a percentagem de idosos a nível mundial, não só continuou a crescer como ocupava uma fatia de 59% nos países em desenvolvimento e é esperado que até 2030, esta percentagem aumente para 71% (Kinsella, Victoria and Way, 2001).

Ao mesmo tempo, a crescente urbanização causada pela industrialização levou a um êxodo rural em massa que se reflete, hoje em dia, em quase metade da população mundial a viver em cidades e é esperado que em 2030 este valor aumente para dois terços da população mundial. (Buffel and Phillipson, 2016)

Se durante os anos 60 o planeamento urbano assentou em propostas para megacidades, como Los Angeles, São Paulo, Brasília e Cidade do México, construídas em função do veículo motorizado a grandes escalas e poucas vezes feitas para caminhar, atualmente as necessidades mudaram e é preciso um planeamento sustentável, transversal a todas as faixas etárias e que seja inclusivo nos meios de transportes, nas acessibilidades pedonais e na caracterização dos espaços públicos.

Em Portugal, a década de 60 foi caracterizada por um acentuado envelhecimento demográfico, com a redução das taxas brutas de natalidade e aumento da esperança média de vida, sendo que nos recenseamentos de 2001, foi ultrapassado pela primeira vez a percentagem de idosos (17,1%) relativamente à percentagem de jovens (15,6%), sendo que se espera que em 2050 a percentagem seja de 37%. (Gouveia, Simões and Nave, 2011)

No caso de Lisboa, o aumento demográfico devido ao êxodo rural vindo do interior do país, resultou num aumento desmedido das periferias, fracas construções de particulares, que se transformaram em bairros de lata e expectativas de melhoria de qualidade de vida que não foram cumpridas. Em 2001, os idosos ocupavam uma fatia de 24% da população residente na cidade de Lisboa. (Gouveia, Simões and Nave, 2011). Atualmente, na capital, “as pessoas idosas (60 ou mais anos) representam quase dois terços do total das pessoas com pelo menos uma dificuldade e as pessoas muito idosas (75 ou mais anos) representam cerca de 43%.” (CML; Gouveia, Nave and Simões, 2013a). No Plano Diretor Municipal (PDM), de Agosto de 2012, podem ler-se as sete diretivas de planeamento: 1. Atrair mais famílias a viver em Lisboa; 2. Criar mais empresas e mais empregos; 3. Incentivar a reabilitação do edificado, o seu aproveitamento e das infraestruturas; 4. Melhorar o espaço público e aumentar as áreas pedonais; 5. Integrar a frente-rio na cidade; 6. Diminuir o número de carros a circular e melhorar os transportes públicos; 7. Aumentar os espaços verdes e a eficiência energética. (CML, 2012)

Ainda que Lisboa já tenha algumas linhas de pensamento relativas à população idosa que vão ao encontro daquilo que é proposto pela OMS como se viu, nos exemplos de projetos do capítulo anterior e no Plano de Acessibilidade Pedonal (PAP), de 2013, o qual visa melhorar das acessibilidades no espaço público e edifícios de uso público; melhorar a acessibilidade, segurança e conforto, no acesso e interior das habitações e melhorar o acesso aos transportes das zonas críticas da cidade (CML; Gouveia, Nave and Simões, 2013b), a verdade é que a cidade age-friendly ainda não é um objetivo e as intervenções existentes são poucas.

## 2.2.2 SOBRE A MOURARIA

O bairro em estudo nesta dissertação de mestrado é a Mouraria. Trata-se de um dos bairros históricos mais antigos de Lisboa, que pertence atualmente à Freguesia de Santa Maria Maior. É limitado a sul pela encosta norte do Castelo de São Jorge, a oeste pela Rua da Palma e pela Praça do Martim Moniz, a norte pelo Largo do Intendente e a este pela Rua das Olarias, Rua dos Lagares e Calçada de Santo André.

Deixado à margem desde o início da sua história, segue-se um resumo daquilo que foi e é hoje a Mouraria.

Lisboa, como cidade, teve o seu início em 1142, no entanto, desde o século I que existem relatos da ocupação deste território. Entende-se que no ano 138 a.C., o território foi conquistado e pertenceu ao Império Romano até ao século V, tendo sido batizado como Olisipo. O Olisipo foi uma cidade que ia desde as encostas do castelo até ao Rio Tejo mas que pela sua topografia bastante irregular não foi desenhada de acordo com o cardus e decumanus romano, mas sim através do prolongamento de vias principais, onde a principal atividade eram as trocas comerciais numa cidade portuária. Ali, as ruas principais tinham cerca de 5 a 6,7 metros de largura e as secundárias tinham entre 2 a 4 metros, contando com um fórum (praça romana). Já nesta altura era possível definir um eixo principal que corresponde hoje à Rua do Benfornoso.

Em 711 com as invasões dos povos do Tânger e sob o domínio muçulmano, o território ganhou o nome de Lixbuna (ou Al Uxbuna), fazendo parte do Al Andaluz. Manteve o seu carácter portuário e a exploração das trocas comerciais. Aí a cidade islâmica organizava-se de forma diferente da romana, sendo que os seus elementos principais eram: a Shari - a rua principal – com cerca de 3,5 metros de largura; o Darb – a rua secundária que irradia da Shari e que tinha 2,4 metros de largura estruturando as ruas residenciais; e o elemento mais característico das cidades muçulmanas - a azzika - o beco que formava a maioria do miolo urbano, que tinha entre 1,8 a 2 metros de largura e que tão bem se transpõe nas ruas da Mouraria, ainda hoje. Existiam ainda dois elementos adicionais - a fina e a sabat - apropriações do espaço semiprivado situado imediatamente em frente da entrada das casas, sendo que a sabat (união de duas finas) criava uma união entre duas casas ao nível superior, deixando um vazio em arco no piso térreo, elemento que ainda hoje se vê no bairro em estudo.

No ano de 1147, com o cerco e conquista de D. Afonso Henriques aos mouros, o território obteve finalmente o nome de Lisboa.

Neste período de consolidação do tecido urbano e cristianização, colidiram várias trocas de culturas, gentes e costumes... Mil anos após o domínio romano, trezentos de suevos e visigodos e mais quatrocentos anos de muçulmanos, a idade média absorvia uma quantidade de costumes e culturas distintas que se refletiam em território lisboeta.

Devido à falta de fixação de cristãos no período logo após a conquista, e conseqüentemente, à falta de mão-de-obra, foi permitida a permanência dos mouros em Lisboa, com liberdade para praticarem os seus costumes e religião, em aglomerados de povoações fora das muralhas. A estes lugares chamaram-se Mourarias, fixadas muitas vezes em zonas periféricas, longe dos principais eixos comerciais e que pela sua topografia e clima eram menos convidativas do que o resto da cidade. Foi o caso da Mouraria de Lisboa, que se instalou junto ao conjunto de hortas que serviam Lisboa. Os ofícios dos povos muçulmanos como as olarias, tapeçarias e ferreiros, foram as principais atividades que se praticaram neste bairro, transformando o sector secundário da capital, num valor mais alto que o sector primário, especializando os ofícios. Ainda que a relação entre cristãos e mouros fosse mal vista pela igreja cristã, existiu uma enorme troca de informação e costumes principalmente entre oleiros, primeiro na Rua do Benfornoso e mais tarde, também na Rua das Olarias.

Os limites da Mouraria, no reinado de D. Dinis (1279 – 1325), não são totalmente definidos, mas estariam entre as portas de Santo André e São Vicente, sendo que a sul terminava a meio da encosta do castelo, a oeste pela rua direita da porta de São Vicente e a nascente pela Rua da Amendoeira. No século XIV, surge o Arrabalde Novo, devido à fixação de cristãos no lado norte da encosta do Castelo e aumento da população moura provenientes de outras partes do país. A união dos dois arrabaldes acabou por formar o bairro que hoje se conhece como Mouraria. No total estariam então 1.5 hectares ocupados por quintas, quintais, campos de agricultura, vinhas, pomares e olivais, caracterizando uma “realidade semi-urbana semi-rural como o resto de Lisboa” (Elias Almeida, 2016), e com uma população de cerca 500 habitantes.

As duas ruas direitas da Mouraria eram então as atuais Rua dos Cavaleiros (Rua Grande Direita) e

a Rua do Capelão (Rua Direita). O bairro árabe, funcionava de forma antípoda sendo que do lado sul estava o núcleo religioso, onde se encontravam a mesquita grande e a madrasa (local onde se ensinava o árabe), e do lado norte encontrava-se o núcleo comercial o qual possuía também uma mesquita pequena e banhos.

Ainda que tivesse sido feita uma reforma na cidade de Lisboa, durante Idade Média, a Mouraria foi deixada de parte mantendo o seu carácter insalubre, marginal e mouro. Com um tecido urbano estreito e sinuoso, desenhado para os climas mediterrânicos com balcões nos pisos superiores para proteção do sol, o piso térreo acabava por ficar insalubre e pouco arejado.

No final da Idade Média, devido à proliferação da atividade comercial e à expansão dos mercados diários para feiras mais alargadas foram criados os terreiros, os rossios e os largos. E foi em torno destes novos elementos que surgiram edifícios importantes para a comunidade residente e albergues para os viajantes que não queriam pagar o imposto de entrada nas muralhas.

A vivência moura permaneceu até ao reinado de D. Manuel, aquando da proibição de qualquer outra religião senão o cristianismo e ordem de expulsão de judeus e muçulmanos. Aqueles que não abandonaram o território foram forçosamente convertidos à religião cristã e os edifícios de cariz muçulmano foram demolidos ou dessacralizados.

Com a população de cristãos novos fixada, foram reabilitadas antigas casas mouras, sendo reconstruídas muitas das que eram em madeira, e retiradas as sacadas para uniformização das fachadas. Apesar desta lei ter sido aplicada na maioria da cidade, na Mouraria muitas vezes isto não aconteceu, deixando as ruas tortuosas continuamente escuras e com falta de saneamento e canos de vala aberta.

Foi só no século XVI, que foi traçado um novo eixo – a Rua Nova da Palma – que rompia a Porta de São Vicente trespassando a muralha para poder facilitar a passagem dos coches, tráfego que havia aumentado. Esta intervenção teve um impacto territorial e social, quebrando a barreira entre o espaço cristão e o anterior espaço muçulmano.

Quando em 1755, o grande terramoto que arrasou grande parte da cidade de Lisboa e o plano de reconstrução de Manuel da Maia reergueu uma nova Lisboa, a Mouraria ficou mais uma vez à margem. Apesar de ter sido afetada por vários incêndios, e não tanto pelo terramoto em si, não

foram feitas grandes reformas a nível arquitetónico ou urbanístico. As condições de vida continuaram a degradar-se progressivamente e o fluxo migratório do interior para a capital, em busca de melhores condições de vida, que se verificou pós-terramoto não ajudou.

O bairro ficou sobrepovoado e foram ocupados os últimos espaços verdes e logradouros em prol da criação de vilas operárias, tornando o bairro ainda mais pobre com condições degradantes. O aumento da mortalidade, e da criminalidade, as baixas condições de vida e prostituição acentuada que vinham já desde os tempos romanos, traduziram-se numa constante difícil sobrevivência, ao mesmo tempo que a Mouraria ganhava um carácter particularmente boémio.

Esta característica foi imortalizada por uma das personagens mais carismáticas da Mouraria – Maria Severa. Em 1820, nasce na Madragoa a tão conhecida Maria Severa Onofriana. Passa pela Graça e pelo Bairro Alto até se mudar para a Rua do Capelão (Figura 4). Foi por um lado, o coração do fado bairrista, e por outro, através do seu admirador aristocrata - o Conde de Vimioso, encantado pelo fado e pela sua personagem, quem aristocratizou o estilo musical, transportando-o para as salas da alta sociedade.

Foi a partir da segunda metade do século XIX, que se executaram importantes obras públicas na Mouraria, 1958/59 foi prolongada a Rua (Nova) da Palma através da demolição dos quintais, pátios e barracas que iam desde a Travessa do Desterro até ao Intendente e a criação da Avenida dos Anjos. Com a abertura do passeio público ao trânsito, este novo eixo veio facilitar a higienização do bairro pobre e sujo. E a Rua Nova da Palma que vinha desembocar a sul no Desterro facilitava este processo. Devido ao aumento de trânsito foi também aberta a Calçada da Rua da Mouraria.

Em 1895 abre-se a Rua Marquês Ponte de Lima para melhorar a acessibilidade do bairro, nos eixos entre a Calçada de Santo André e a Rua das Farinhas, com um perfil de 10 metros. Para além destas, destacam-se os acessos na colina com a construção das Escadinhas da Saúde e das Escadinhas do Marquês de Ponte de Lima. A partir século XX, a população começou a mudar-se para a periferia de Lisboa e a Mouraria foi perdendo um bocado do seu carácter sobrepovoado.

A partir de 1926 e durante o período do Estado Novo (1933-1974), António de Oliveira Salazar como Ministro das Finanças e Duarte Pacheco como “homem das obras públicas do governo” fizeram esforços no sentido de melhorar Mouraria.

Em 1938 foi feito um Plano Diretor Municipal no qual constavam vários projetos de projetos de melhoramento urbanístico que nunca se chegou em realizar. Em 1967, um novo Plano Diretor Municipal é realizado pelo urbanista francês George Meyer-Heine com uma proposta para o Martim Moniz como ponto de chegada da Avenida Almirante Reis e pólo comercial, cariz que a praça já apresentava desde há vários séculos, não só com a especialização de ofícios já desde os tempos mouros, mas mais acentuado no final do século XIX e século XX, pelos mercados grossistas e acessibilidade da Avenida Almirante Reis e em 1955 quando se ergueram os pavilhões supostamente temporários mas que se mantiveram no local. Também este plano acabou por não se concretizar com a criação da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL) em 1972.

A política urbanística do Estado Novo visava ter a maioria do território como pertence do estado. Mas em 1965 esta política altera-se e permite-se o investimento de iniciativas privadas, ao mesmo tempo foi criada a EPUL.

Após o 25 de Abril e a independência das colónias, e na sequência do carácter multicultural da Mouraria desde sempre, este bairro volta a receber uma nova onda de migrantes - o movimento de retornados de 75 a 77, vindos das ex-colónias portuguesas. Nas décadas seguintes, chegaram imigrantes oriundos dos PALOPS, da Europa de Leste, Paquistão, Índia, China e Nepal.

A maioria dos imigrantes na Mouraria trabalhava por conta própria em comércio ou retalho, na pequena escala, local com tradição grossista desde o Seculo XX. O comércio chinês começou por se instalar na Mouraria antes de se espalhar pelo resto do país quando em 2000 faz um acordo com a EPUL ficando com todo o monopólio dos quiosques destinados a artesanato do Martim Moniz.

Ainda no século XX, foram feitas obras de valorização do território como a calçada desenhada pelo artista Eduardo Nery em 1989, na Rua da Mouraria que elogia a tradição calceteira portuguesa, projetando a Velha Porta da Mouraria e as fachadas da Ermida da Saúde. No mesmo ano constrói-se o Centro comercial da Mouraria, no lugar do antigo Theatro Apollo; dois anos depois o Centro Comercial do Martim Moniz e o alargamento do Hotel Mundial e finalmente em 1997 inaugura-se a remodelação da Praça do Martim Moniz e do metro. (Elias Almeida, 2016)

A partir do virar do milénio seguiram-se várias intervenções no bairro da Mouraria, no sentido da valorização do bairro e das pessoas que nele vivem, entre elas destacam-se: a Associação Renovar

a Mouraria, fundada em 2008, com uma visão de integração social e apoio à população do bairro; o programa de desenvolvimento social para a Mouraria apoiado pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) “Cidades dentro de Cidades” em 2010, com o projeto “Há vida na Mouraria”, teve um orçamento participativo, foi reabilitada a Praça do Intendente, a Casa da Severa entre outros e foram feitos roteiros e visitas pelo bairro; a Cozinha Popular da Mouraria, em 2012, como ponto de encontro oportunidade de trabalho e restaurante; o Centro de Intervenção In Mouraria, também em 2012, que pretende auxiliar consumidores de drogas e prevenir ou reduzir os riscos que lhes estão associados; e o Centro de Inovação da Mouraria, ainda dentro do QREN, um Creative Hub que abriu em 2015, com o objetivo de incentivar e apoiar ideias de negócios das indústrias criativas.

Ao longo dos tempos notaram-se vários fluxos de migrantes ou populações que se fixaram na Mouraria que a levaram a um carácter multicultural desde o início, começando pelos Mouros no século VIII; os novos cristãos a partir do século XV; o êxodo rural vindo do interior de Portugal no pós-terramoto, a partir de 1755; os retornados após o 25 de abril entre 1975 e 1977, e os emigrantes chegados nas décadas seguintes oriundos principalmente de África, Ásia e Europa de Leste. Atualmente a Mouraria é um lugar em constante renovação, que alberga população jovem e idosa e onde está muito presente o carácter bairrista e a vida noturna fazem parte da cultura. Ao mesmo tempo continua com um ar empobrecido e velho, com algum tráfico de droga, ainda que a crescente gentrificação tenha trazido habitantes de estratos sociais mais elevados e a proliferação da reabilitação de edifícios antigos.

A partir dos anos 2008/2009, com o período de pós-crise capitalista, as economias neoliberais, e as medidas de austeridade, os bairros históricos da capital sofreram uma gentrificação crescente devido não só aos despejos causados pelo aumento de rendas e precariedade das condições de trabalho, como também pelo mercado livre que permitiu a abertura desmedida de alojamentos locais e o aumento de turistificação. No ano de 2015, a cidade de Lisboa recebeu 5,25 milhões de turistas. (Mendes, 2017)

A Mouraria é um destes bairros, onde se nota claramente a injeção de capital com vários edifícios em reabilitação e a existência constante de turista, ainda assim mantém-se o carácter próprio do lugar que continua presente no bairro e que deve ser mantido. A gentrificação que está a acontecer

deve ser transformada numa oportunidade positiva de revitalização consciente do bairro, ao invés de ser combatida sem sucesso. Já foram tomadas algumas medidas que protegem os bairros históricos da turistificação em massa, como o plano, feito pela Câmara Municipal de Lisboa, de restrição de ruas para veículos afetos a atividade turística, de modo a melhor relacionar o turismo com a população local.

O conceito de Gentrificação definido pela primeira vez, pela socióloga Ruth Glass, em 1964 numa descrição sobre a cidade de Londres dos anos 60 “um por um, muitos dos quarteirões da classe trabalhadora foram invadidos pela classe média – alta e baixa. Casas de campo e cavalariças velhas e modestas (...) foram agarradas assim que o contrato de arrendamento terminou, para se tornarem em residências elegantes e caras. A partir do momento em que este processo de gentrificação se inicia num distrito, propaga-se rapidamente até que todos ou quase todos os ocupantes originais estão desalojados e todo o caráter social do distrito fica mudado.” (urban dictionary, 2006) Neil Smith, define o mesmo conceito, em 1996, como “o processo pelo qual os bairros pobres e da classe trabalhadora, no centro da cidade, são renovados através de uma injeção de capital privado e compradores e arrendatários da classe média [...] (Mendes, 2014) apud (Smith, 1996)



# WHAT MAKES A GREAT PLACE?

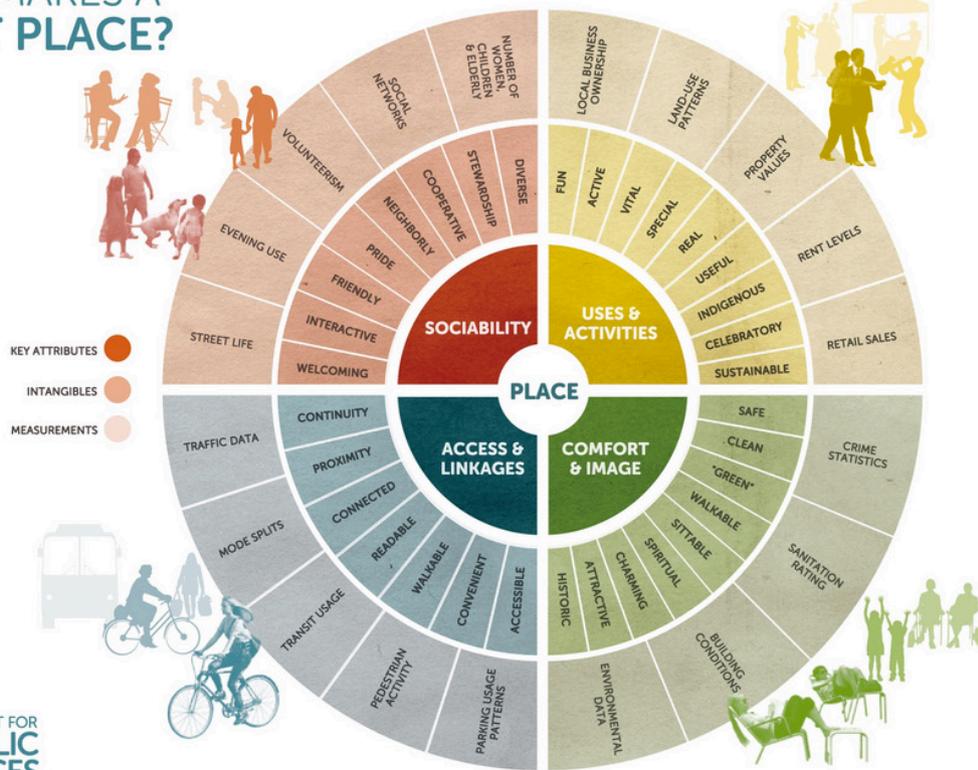


Figura 8 . Projct for Public Space (fonte: <https://www.pps.org/article/jgchl>)

## 2.3 PRÁTICAS URBANAS E ECODESENVOLVIMENTO

## 2.3.1 A VIDA ENTRE EDIFÍCIOS DE JAN GEHL

É nas ruas de Copenhaga, que Jan Gehl, começa por explorar alternativas de ocupação de espaço público que promovam as relações interpessoais e a permanência das pessoas no exterior. Copenhaga, nos anos 60, era uma cidade inteiramente desenhada para o automóvel. Contudo, a partir de 1973, Gehl começou a fazer aplicações dos seus estudos sobre mobilidade na cidade, transformando-a num laboratório de testes de espaço público e ruas para peões (Gehl, 2017).

A conversão de estradas para vias pedonais, o aumento das vias para bicicletas e a redução das vias automóveis, foram mudanças graduais que se traduziram numa transformação de fundo da capital dinamarquesa, não só no espaço físico como na cultura da população. Foi no culminar de várias situações, que em 2009, Copenhaga se lançou como “Metropolis for People - best city in the world for people” (City of Copenhagen, 2009) (Figura 10). Atualmente conta com inúmeros exemplos de espaço público com qualidade e que se refletem no bem-estar da comunidade.

No livro “A Vida Entre Edifícios”, publicado em 1971 para apontar as falhas de planeamento urbano, Gehl explica sobre os tipos de atividades que se desenrolam na rua, a que escala e como é que eles permitem o desenrolar de diferentes intensidades de relações interpessoais.

Dentro das atividades reconhece: as atividades necessárias, as atividades opcionais e as atividades sociais (Figura 9). Sendo que as primeiras são atividades obrigatórias do quotidiano como por exemplo ir trabalhar, andar de transportes, e que, por serem de carácter indispensável não requerem tanto de um espaço físico qualificado; as segundas são atividades que o indivíduo escolhe fazer por opção própria como passear, apanhar banhos de sol ou relaxar, as quais exigem condições favoráveis e um espaço exterior bastante qualificado; e, por último, as relações sociais ou resultantes que acontecem quando existem mais que um interveniente no espaço público e há contacto entre os primeiros e os segundos. Este contacto pode ser falar, salutar ou apenas ver.

Para atuar sobre a qualidade do espaço público é importante notar que estas as atividades sociais resultam melhor no nível térreo. As ruas pedonais, as praças, os jardins, os pequenos quintais na parte da frente das casas tomam os espaços públicos habitados e mais lentos, potencializando assim a permanência das pessoas no espaço e conseqüentemente à relação umas com as outras. (Gehl, 2017).

	Quality of the physical environment	
	Poor	Good
Necessary activities	●	●
Optional activities	●	●●●
'Resultant' activities (Social activities)	●	●

Figura 9 . Representação gráfica da relação entre a qualidade dos espaços exteriores e o grau de ocorrência de atividades exteriores. (fonte: Gehl, 2017).



Figura 10. “A Vida Entre Edifícios” (fonte: <https://cicloficina.pt/lançamento-livro/>)

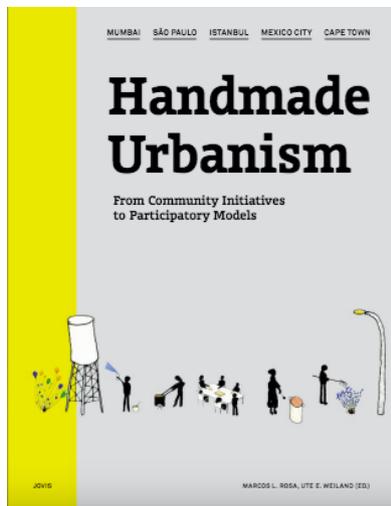


Figura 11 . Handmade Urbanism (fonte: [https://issuu.com/marcosrosa/docs/handmade\\_urbanism\\_pdf](https://issuu.com/marcosrosa/docs/handmade_urbanism_pdf)).

## 2.3.2 MICROURBANISMO E URBANISMO TÁTICO DE MARCOS L. ROSA

Microurbanismo, é o resultado de uma pesquisa feita por Marcos L. Rosa, em São Paulo, no ano de 2009, numa tentativa de resolver problemas em várias comunidades da cidade.

O autor define o conceito como “a identificação de novos campos com abertura e capacidade para receber novos objetos que estimulem relações. Através de uma metodologia de pesquisa ligada ao microplanejamento indicamos um ‘menu’ de campos em potencial para abrigar espaços para a coletividade e um outro ‘menu’ de ferramentas aplicadas a ele. Esses dois menus apontam a necessidade de entender e propôr mecanismos de ação e negociação na escala 1:1, ligada à experiência do dia-a-dia e à escala local, humana. Trata-se de intervenções táticas na cidade existente, da reorganização de referências presentes e re-codificação dos espaços encontrados”. (Rosa, 2011) É o urbanismo tático, feito através de menus, de que o autor fala que podem servir para atuar de forma flexível num território, atendendo a um planejamento urbano que tem como principal interveniente a população da comunidade e a sua esfera social. O microurbanismo é uma forma de atuar à escala humana num território macro.

É num outro livro “Transbordering” que o autor disponibiliza o “menu” de micro intervenções que podem ser colocadas nos espaços coletivos como forma de incentivo às relações entre pessoas. Como exemplos mostra-se uma galeria exterior, um cinema ao ar livre, palcos, pontos de informação ou simplesmente iluminação e escadas. (Rosa; Stiphany, 2010)

No seguimento do primeiro projeto em São Paulo, surgiram um conjunto de intervenções feitas em bairros precários em cidades de países em desenvolvimento: Mumbai, Istambul, Cidade do México e Cidade do Cabo, de 2007 a 2012.

Compiladas no livro “*Handmade Urbanism*” (figura 11) mostram a possibilidade dos residentes poderem transformar o seu próprio território, dando-lhes ferramentas de intervenção para resolução de problemas, através dos “menus”. Foram projetos que atuaram não só nas estruturas físicas do território mas também nas estruturas moles do contexto, como a educação e o bem-estar físico e emocional da população, através de modelos participativos.

As 741 intervenções foram desde a construção ou reabilitação de espaços públicos, sistemas de recolhas de lixo, incentivos para a pratica desportiva, saneamento, etc...

Na cidade de Mumbai por exemplo, numa das famosas “slums” um clube de críquete da comunidade,

sofreu transformações quando foram criadas casas de banho sob o programa de Slum Sanitation Programme. A comunidade acabou por aproveitar o segundo piso da infraestrutura construída, para criar um espaço de educação de tecnologia e aulas de inglês. Desde então foi apropriado um segundo espaço onde criaram um ginásio com aulas de yoga, dança e grupos de apoio a mulheres. Na cobertura do complexo das instalações sanitárias foram instalados painéis solares, e hoje produzem a própria eletricidade.

Este é um exemplo de como pequenas intervenções levam ao empoderamento das pessoas individualmente e enquanto comunidade, o que se torna crucial em lugares onde as condições são precárias e as oportunidades são reduzidas.

Na Favela do Mauro em São Paulo, este empoderamento foi feito através de intervenções periódicas como a limpeza da entrada das casas, a criação de pequenos pedaços de arte urbana, nas fachadas de edifícios com a estrutura à vista, utilizando cores e objetos reciclados provenientes das recolhas de lixo. Seguiu-se a esta pequena intervenção a abertura de uma pequena livraria para os moradores onde foram realizados também workshops. O objetivo foi reforçar o sentido de comunidade, criar relações e mais uma vez empoderar a população de lugares onde a violência e as drogas fazem parte do quotidiano. (Rosa, 2013)

## 2.3.3 ECODESENVOLVIMENTO E ECONOMIA COLABORATIVA

O Ecodesenvolvimento surge como uma proposta de mudança de paradigma, nos modelos económicos, quando a consciencialização social e ambiental começa a ter peso. Isto foi abordado inicialmente na Conferência Mundial de Estocolmo sobre o Meio Ambiente (Filho, 1993)

O economista Ignachy Sachs que difunde um conceito a partir de 1974, entende-o como “desenvolvimento endógeno e dependente de suas próprias forças, tendo por objetivo responder á problemática da harmonização dos objetivos sociais e económicos do desenvolvimento com uma gestão ecologicamente prudente dos recursos e do meio” (Filho, 1993, p. 132) apud (Raynaut e Zanoni, 1993).

O ecodesenvolvimento envolve 5 dimensões da sustentabilidade distintas: a sustentabilidade social, a sustentabilidade económica, a sustentabilidade ecológica, a sustentabilidade espacial ou geográfica e a sustentabilidade cultural. A primeira tem como objetivo a redução das desigualdades sociais; a segunda o aumento da produção e da riqueza social sem dependência externa; a terceira a qualidade do meio ambiente tendo em conta os seus recursos naturais e energéticos e a sua preservação para gerações futuras; a quarta evitar o excesso de aglomerações através da descentralização e desconcentração, e por último, a quinta que visa evitar conflitos culturais com potencial regressivo (Filho, 1993).

É fácil perceber como vários destes pontos podem ter um grande potencial de intervenção, na Mouraria e como a espaço público pode ser um motor para um modelo de ecodesenvolvimento no bairro, atentando à premissa de que “o plano local é privilegiado, mas sem perder a referência com o plano global” (Filho, 1993, p. 138).

Dentro da economia, encontra-se o modelo de economia colaborativa que se foca na partilha ou colaboração das formas de consumo, produção, financiamento e aprendizagem (Rinne, 2017).

Koen Frenken, define o conceito de Economia Colaborativa como “a prática em que os consumidores permitem a um segundo consumidor a utilização dos seus bens não aproveitados, por um período de tempo limitado” (Frenken, 2017, p. 2).

A partilha de bens desperdiçados é feita quando um consumidor aluga esse bem a outro, sendo que essa relação deve ser feita de forma horizontal e entre consumidores. O aproveitamento deste desperdício torna-se crucial na medida em que é um passo sustentável a nível económico,

ambiental e social e, portanto, enquadra-se no Ecodesenvolvimento descrito anteriormente. Sendo que as principais tendências são: troca de pessoa para pessoa, acesso através de um proprietário e modelos de negócios circulares (Frenken, 2017). Assim sendo é exemplo de economia colaborativa as plataformas de Carsharing por oposição à plataforma da Uber, que por ser feito através de um pedido prévio do consumidor, não surge como aproveitamento de desperdício.



Figura 12 . Quotidiano na Calçada de Santo André, fotografia analógica (fonte: autora).

## 3. ANÁLISE

## 3.1 FASE I - VISITAS AO BAIRRO E REUNIÕES

Numa primeira fase de análise foram feitas algumas visitas à Mouraria, para fazer um reconhecimento do território através de fotografias e observação dos ocupantes, pôde ver-se o ambiente multicultural e foi possível identificar a diferença entre ruas rápidas e ruas lentas (Figuras 12, 13 e 14).

Foram feitos contactos com algumas instituições intervenientes na Mouraria das quais surgiram reuniões ou conversas informais, pelo que alguns dados não são oficiais mas sim uma visão da experiência de pessoas que atuam no território.

O primeiro contacto foi a Associação Renovar a Mouraria, instalada na Mouradia, no Beco Do Rosendo, numa tentativa de perceber se já existiam iniciativas com idosos ou *age-friendly*. Foi dito que de momento não tinham nenhum projeto a decorrer. De qualquer dos modos, a Associação publica duas vezes por ano um jornal do bairro – Rosa Maria, onde fazem entrevistas com residentes do bairro muitos dos quais são idosos. Facultaram duas das revistas via email que continham dados sobre o tipo de população que habita na Mouraria.

De acordo com os dados referidos do Jornal Rosa Maria Nº8, que tratam os dados dos Censos de 2011 em comparação aos Censos de 2001, existem 51 nacionalidades na Mouraria, que perfazem um total 24,3% da população residente da Mouraria (antigas freguesias do Socorro e São Cristovão/ São Lourenço). Ainda que não seja uma percentagem elevada, continua a ser um número significativo que está bem acima da média nacional, que corresponde a 3,7%. São elas por ordem decrescente: Bangladesh, Índia, China, Brasil, Nepal, Roménia, Paquistão, Cabo Verde, Angola, Espanha, Guiné Bissau, Senegal, Itália, Ucrânia, Moçambique, São Tomé e Príncipe, e outros... (Associação Renovar a Mouraria, 2015)

Na Rosa Maria Nº5, os dados dos Censos de 2011 e 2001 (Tabela 2) demonstram a população idosa existente na Freguesia de Santa Maria Maior, à qual pertence o Bairro da Mouraria. Os números de idosos (>65 anos) baixou sensivelmente, de 1139 em 2001 para 1017 em 2011, sendo que houve um aumento significativo da população jovem e adulta (24 a 65 anos) de 2214 em 2001, para 2538 em 2011, acompanhados do número parecido, de pessoas com ensino superior (Associação Renovar a Mouraria, 2013).

Estes dados demonstram o alto índice de multiculturalidade no bairro e cruzamento de culturas e por outro lado que apesar de Lisboa ter uma população envelhecida a Mouraria parece estar a passar

por um período de renovação de gerações.

No dia 5 de junho de 2018, tive uma Reunião na Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, com o Mediador Comunitário da Mouraria – Nuno Franco. Explicou o contexto atual da Mouraria, a partir da sua experiência, o número de idosos que lá habitam - 420 - e os hábitos diários que passam por ir ao café, fazer compras nas mercearias/ supermercados locais e voltar cedo para as suas casas. A maioria das pessoas fazem o seu quotidiano dentro do bairro ou nas redondezas.

Após a reunião, fez-se uma volta pelo bairro e onde foram indicados alguns dos cafés típicos onde as pessoas costumam permanecer e as ruas principais que continuam a ser, desde há muito tempo, a Rua do Benfornoso e a Rua da Mouraria.

Foi também perguntado que problemas existiam neste território, em termos de acessibilidade, mas disse que apesar de continuar a ser um bairro que ruas íngremes e isso é algo que não se pode mudar, que há obras realizadas que ajudam muito a população idosa como os elevadores. Estão também a ser construídas as escadas rolantes nas Escadinhas da Saúde, mas parece haver alguma relutância sobre a utilidade das mesmas para a população idosa. Nuno Franco acrescentou que os idosos teriam medo de as usar e que apenas serviriam aos turistas.

Sobre a existência ou a falta de espaços verdes e hortas urbanas foi dito que já existe o Jardim da Graça e espaço de Hortas urbanas à frente do Teatro Taborada, bem como a Praça do Martim Moniz. Falou-se ainda da possível indicação de sinalética por exemplo para comércio histórico e lojas que já existem há muito tempo. Visto que antigamente muito comércio português ou indiano foi comprado nos últimos anos por população oriunda do Bangladesh, Nepal e China.

Falou-se também sobre a relação entre as várias culturas existentes no bairro e concluiu-se que não existem problemas nem constrangimentos, mas a verdade é que não se relacionam entre elas, refletindo um bairro multicultural mas não intercultural.

Abordou-se a questão do mapa do QREN Mouraria “Cidades dentro de Cidades” e da intervenção no Largo do Intendente que apesar de não fazer parte da Mouraria tinha problemas sociais idênticos (prostituição e consumo e tráfico de droga nas ruas) pelo que foi englobado no plano. Houve também a proposta da reabilitação de um edifício na Rua da Guia, para um Centro de Encontro de Jovens e Idosos, mas nunca chegou a ser realizado, neste momento encontra-se em avançado estado de

degradação e apesar dos avisos para não ser usado, funciona como armazém.

Por fim, falou-se da situação que afeta, atualmente, muitos bairros históricos de Lisboa - a especulação imobiliária e os consequentes despejos dos residentes, muitas vezes idosos. Atualmente a Câmara Municipal de Lisboa está a regulamentar a situação, mas não é o suficiente para impedir a crescente onda de despejos e reconversões para alojamentos locais.

Sobre a mobilidade, Nuno Franco indicou que para além do metro do Martim Moniz, o elétrico 12 é o transporte público que atravessa o Bairro da Mouraria.

Pela pertinência do tema age-friendly cities foram feitas várias tentativas de contacto com a Santa Casa da Misericórdia, localizada na Rua Marquês de Ponte de Lima e onde muitos idosos que já não têm condições para serem completamente independentes, passam o dia. Apenas foi possível chegar a um contacto com uma das trabalhadoras da instituição, mas que não foi obtida autorização para falar com os utentes. Por essa razão, este foi um universo não contemplado neste trabalho.

Foi no dia 30 de julho de 2018, que foi feito o contacto com o Centro de Inovação da Mouraria. Numa conversa com o sociólogo Orlando Anselmo, foi possível entender a sua perspetiva daquilo que é a Mouraria atual. Na sua opinião o bairro da Mouraria é um território muito difícil de intervir porque não só abrange pessoas de muitos lugares diferentes e que não estão numa base comum, estão num contexto extremamente saturado e que está apoiado sobre muitas camadas de culturas e gerações. Acredita que em termos de espaço público não há muito a fazer e que das poucas alternativas que vê seria fazer leis de regulamentação sobre os edifícios abandonados, visto que muitos estão abandonados e em más condições por pertencerem a herdeiros que não estão de acordo e não mantêm relação. Deixando assim muito edifícios a degradar-se. Sugeriu transpor a lei feita há muitos anos em Portugal sobre os terrenos agrícolas não poderem ser fragmentados e aplicar aos prédios que existem, que não têm apenas um dono.

Quando foi questionada a possibilidade da Calçada de Santo André passar a ser uma rua pedonal onde passasse apenas o elétrico, respondeu que não seria uma solução plausível porque a rua é um dos eixos principais do bairro e aqueles que lá passam são os moradores ou carrinhas de abastecimento das lojas comerciais.

No final ofereceu-me duas cartas datadas de 1977, a primeira de um urbanista japonês que escreveu

ao Município de Lisboa, a pedir conselhos sobre como desenhavam o espaço público; a segunda é a resposta à primeira.

cod_dim2	Zona Geográfica	População residente						População residente -Variação entre 2001 e 2011 (%)	
		Em 2001			Em 2011			Var. Total	Grupos etários 65 ou mais
		Total		Grupos etários 65 ou mais	Total		Grupos etários 65 ou mais		
		HM	H	65 ou mais	HM	H	65 ou mais		
	1	2	3	7	8	9	13	14	18
110638	São Cristóvão São Lourenço	1612	745	445	1341	675	351	-16,81	-21,12
110653	Socorro	2675	1225	694	3065	1625	666	14,58	-4,03

Tabela 2 . Tabela comparativa dos Censos de 2001 e 2011 da atual Freguesia de Santa Maria Maior (fonte: autora).



Figura 13 . Quotidiano na Rua do Benfornoso, fotografia digital (fonte: autora).



Figura 14 . A Relojoaria do Senhor António, Comércio local, fotografia digital (fonte: autora).

## 3.2 FASE II - INQUÉRITOS

A segunda fase de análise foi levada a cabo através de 16 inquéritos realizados em cafés, comércio e largos no bairro da Mouraria (Figura 15). A par com os inquéritos foram tidas também muitas conversas informais com pessoas que não quiseram preencher o inquérito mas que quiseram dar a sua opinião sobre o território.

Os inquéritos foram realizados nos seguintes estabelecimentos: Leitaria do Benfornoso, Drogaria Adriano Duque, Café Pastelaria Capelos, Leitaria Flor do Terreirinho, Retrosaria Guebarro, Café Parreirinha, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Café Silva, Leitaria Moderna, Largo da Severa, Restaurante Dom Basílio.

Cada inquérito continha 15 perguntas: as primeiras três sobre dados pessoais, e as seguintes sobre a mobilidade da pessoa inquirida e das acessibilidades ou falta delas na Mouraria, no final existe uma pergunta sobre sugestões para elementos no espaço públicos. Em alguns casos foi feita uma 16ª pergunta sobre a profissão ou ocupação do inquirido, quando se perceber que muitos idosos ainda praticavam ativamente alguma função. Todos os inquiridos tinham 55 anos mais. Dependendo dos inquiridos, alguns foram preenchidos pelos próprios outros foram preenchidos pela autora, a pedido dos mesmos.

Numa visão geral dos inquéritos, todos os inquiridos saem diariamente de casa, à exceção de um. A predominância da ocupação dos locais foram café/restaurante e farmácia.

Relativamente às acessibilidades, grande parte dos inquiridos disse que como já vivem há muitos anos no bairro, já estão habituados às subidas e descidas e que em alguns sítios é necessário arranjar o pavimento (por exemplo na Calçada de Santo André), foi também referida que podiam ser colocados mais corrimões.

Quando foi perguntado sobre a falta de bancos ou sítios para sentar foi dito que “não precisamos de mais [bancos] porque senão vão para lá os bêbados durante a noite e sujam aquilo tudo!”; e que inclusive, já foram retirados bancos por exemplo na Rua da Mouraria.

Sobre jardins e espaços verdes, alguns disseram que poderia haver mais árvores, outros comentaram que não existe espaço nas ruas e que iriam fazer sombra para as casas, e que já têm a Praça do Martim Moniz ou o Jardim da Cerca. Árvores e vegetação foi falado por algumas pessoas e por outras foi dito que não tinha sentido por mais árvores porque também não havia espaço nas ruas e

depois as pessoas iam começar a queixar-se da sombra nas casas. Hortas urbanas não despertou muito interesse apesar de saber que há pessoas no bairro que utilizam as que estão ao pé do Teatro Taborda.

A principal queixa transversal a quase todos os inquiridos foi o problema do lixo. Muitos disseram que havia falta de recolha de lixo, por exemplo do vidro, outros que era um problema da população do Bangladesh que eram “sujos” e “as pessoas são porcas!” e mal passava a carrinha do lixo, voltavam a colocar sacos e sacos nas ruas, outros que existiam poucos caixotes para a função.

Em relação a iluminação e sinaléticas, praticamente ninguém achou que faziam falta porque são pessoas que já conhecem o bairro.

A maioria das pessoas está à vontade com o espaço público que tem, apesar de não terem muitos jardins, a verdade é que não existe espaço num bairro tão apertado, antigo e explorado como a Mouraria. A queixa que mais vezes se repetiu foi a deterioração do pavimento nalgumas ruas e as queixas sobre o lixo que, muitas vezes por falta de civismo, é um problema que se tem acumulado.

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

inquérito feito na  
Gvebarro, Hallas e  
Casquilhães

Bom Dia!  
 Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: Antonio Amelido Silva Soares

2. Ano de Nascimento: 1952

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual? NO ANDAR

5. Há quanto tempo mora na Mouraria? 1969

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Comboio  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê? SIM

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades. DORAS NAS PERNAS

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades. NÃO

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/ restaurante  
 g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho? NÃO

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

Figura 15 . Exemplo de Inquérito (fonte: autora).

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

ESCADAS.

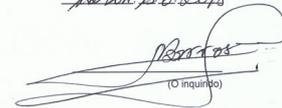
Sou comerciante na rua do  
Benfazeiros desde 1969

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Antonio Amadeo Silva Pereira declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 25/06/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Antonio Amadeo Silva Pereira

  
(O inquirido)

### 3.3 FASE III - MAPEAMENTO DE PERCURSOS E DE TERRITÓRIO

Sobre os inquéritos anteriores, passou-se para a terceira fase, uma síntese sobre a informação recolhida e onde. Seguido do inquérito foi feito com alguns participantes sobre um mapa da Mouraria, os percursos que cada um fazia no quotidiano, quais as ruas onde passavam, onde descansavam etc.. com linhas de costura (Figura 16).

A partir deste mapeamento de percursos, foi possível entender quais os principais locais de passagem e paragem e que mais tarde ajudou na restrição do território de intervenção.

Inicia-se com um mapa de definição do território da Mouraria (Figura 17), posteriormente para um mapa com os lugares relevantes do mesmo bairro (Figura 18),

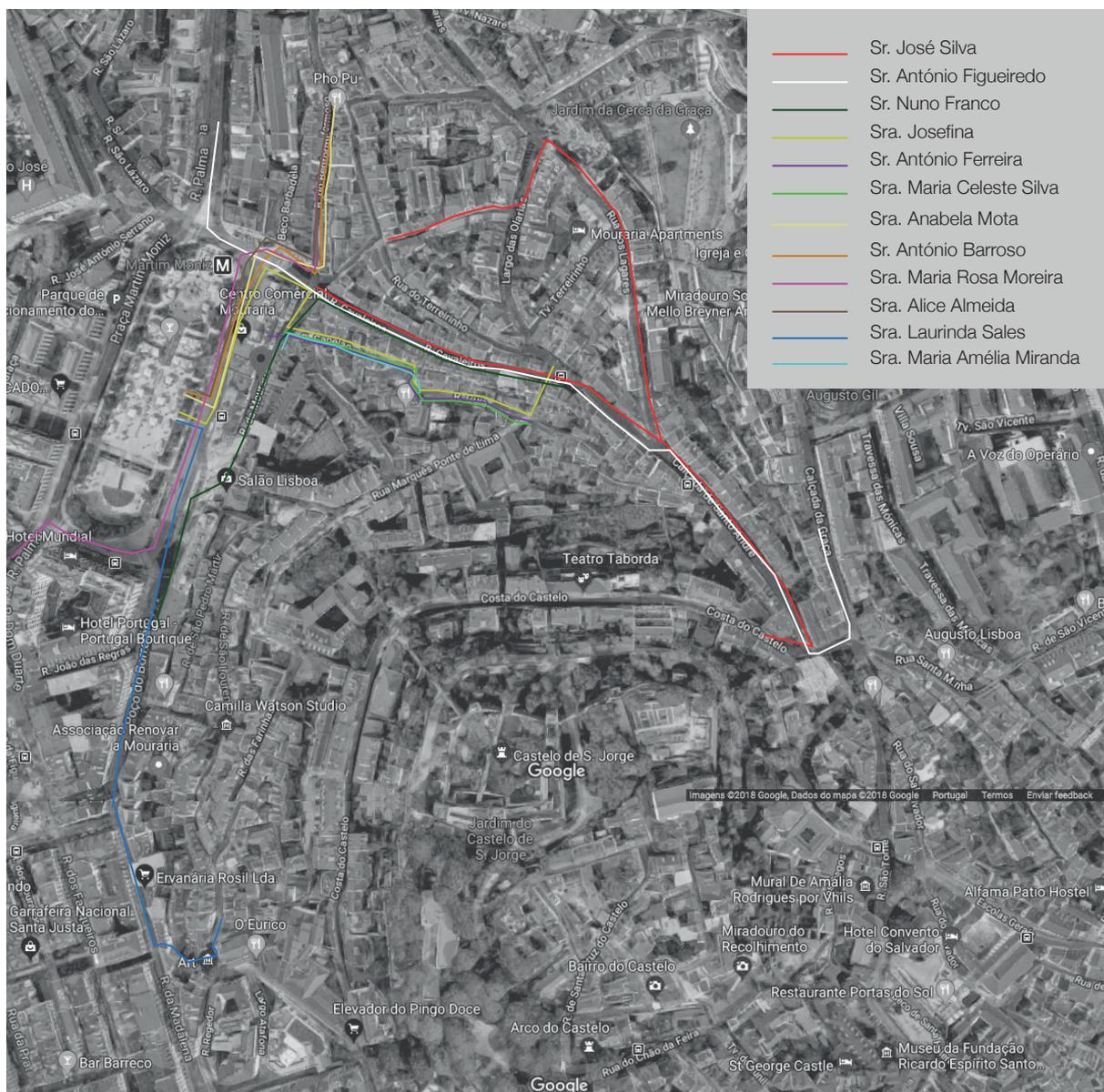


Figura 16 . Mapeamento de Percusos diários, feitos pelos residentes da Mouraria (fonte: autora).



Figura 17 . Mapeamento dos Bairro da Mouraria (fonte: autora).

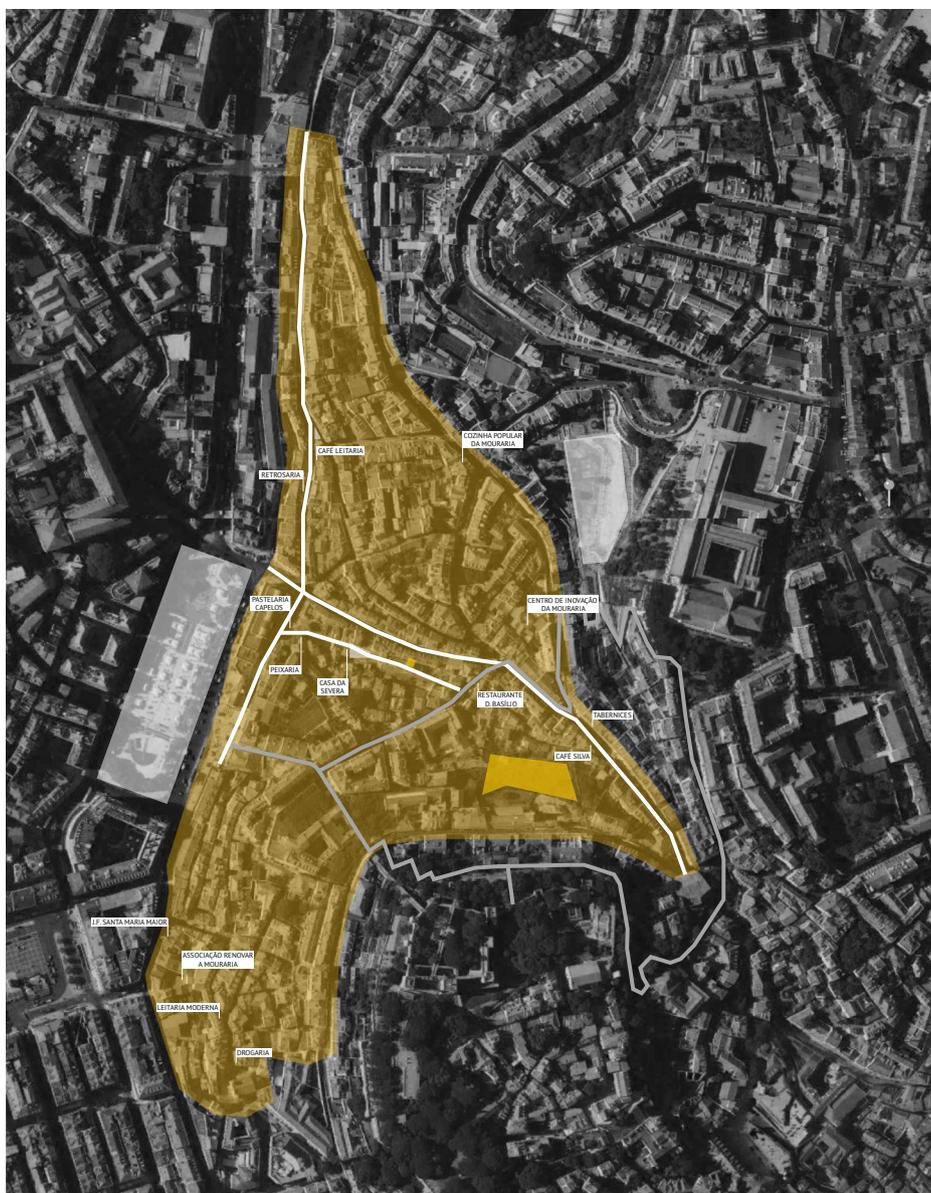


Figura 18 . Mapeamento dos locais onde foram feitos os inquéritos; pontos principais e espaços públicos (fonte: autora).

## 3.4 FASE IV - ANÁLISE SWOT

A SWOT surgiu como elemento analítico para perceber de maneira clara as dificuldades que o território apresenta e onde é que dentro delas surgem oportunidade de intervenção e melhoria.

### *Strengths*

- A Mouraria é um bairro que conserva um carácter extremamente bairrista e que por isso já combate algum isolamento social e cria sentido de comunidade;
- É um bairro histórico da cidade de Lisboa que se encontra numa das encostas do Castelo de S. Jorge;
- A Mouraria é um bairro multicultural desde os tempos romanos;
- Existem muitos locais de encontro como cafés, onde todos os dias as pessoas idosas, que têm mobilidade para tal, se deslocam fazendo o seu dia-a-dia em comunidade;
- Há um variado número de associações ou dependências municipais que têm consciência age-friendly ou do bairro no geral: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Associação Renovar a Mouraria, Cozinha Popular da Mouraria, Centro de Inovação da Mouraria, Grupo Desportivo da Mouraria;
- Já existem algumas iniciativas relacionadas com idosos, como idas à praia, passeios, Santa Casa da Misericórdia, feitas pela Junta de Freguesia;
- A Junta de Freguesia também tem atividades extracurriculares para crianças;
- Existe um gabinete de apoio aos idosos, para efeitos de advogados e problemas legais;
- Existe um apoio aos idosos relativamente ao problema de habitação e aos despejos constantes;
- É uma zona que desde há alguns anos se tornou bastante turística e conseqüentemente um forte local de investimento, o que permitiu melhorias a nível de espaço público.
- Existe uma variedade de novos comércios que podem valorizar o bairro
- Existem alguns pequenos comércios antigos e de ofício.

### *Weaknesses*

- Apesar de ser um bairro multicultural não é intercultural. As nacionalidades relacionam-se dentro umas das outras, mas não entre elas;

- Poucos jardins e espaços verdes;
- Por ser um bairro histórico a malha urbana já está exaustivamente ocupada não deixando espaço para grandes intervenções de espaço público;
- A principal queixa dos habitantes é o facto de ser um bairro sujo, pois apesar de existirem serviços de recolha de lixo, não existe consciencialização social. É um problema social;
- O facto de se ter tornado num bairro bastante turístico, sofreu um forte investimento nacional e internacional em alojamentos locais o que fez com que muitos idosos fossem despejados das suas casas, por contratos que não foram renovados ou aumentos exorbitantes.

#### *Opportunities*

- Continua a ser um bairro extremamente importante na cidade e com muitas qualidades diferentes que se forem trabalhadas como conjunto podem agregar-se tornando-se muito enriquecedor;
- O facto de ter tantos estrangeiros e portugueses é uma oportunidade de ter trocas de experiências e vivências distintas enriquecedoras para as duas partes;
- Por ter casas antigas e com pequenas áreas, se não tivessem rendas tão altas, é um bom local para jovens adultos, estudantes, etc.. viverem e a partir daí criar uma relação intergeracional forte.
- Nos censos de 2011 em comparação aos Censos de 2001, notou-se um aumento da população jovem. Isto pode refletir uma renovação de geração e por isso uma oportunidade de relações intergeracionais entre os novos residentes e os antigos.

#### *Threats*

- A sobrecarga de turistas começa a retirar ao bairro o seu carácter próprio e consequentemente pode perder identidade.
- A gentrificação é um fenómeno crescente que se nota no bairro e é tão importante saber inovar, atualizar e reabilitar como saber que características devem ser mantidas, mesmo sendo complexas, pouco estéticas ou que servem apenas a uma minoria.

## 3.5 FASE V - DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO DE INTERVENÇÃO E MAPEAMENTO DE ATIVIDADE

Numa última fase, definiu-se o território de intervenção como sendo a Rua do Benfornoso, a Rua dos Cavaleiros e a Calçada de Santo André (Figura 19).

Esta decisão foi tomada por reflexão dos elementos das fases anteriores. Por serem ruas com muita passagem, indicados pelo mapa de percursos, por ser o cruzamento da Rua do Benfornoso (uma das ruas principais da Mouraria) e a Rua dos Cavaleiros e Calçada de Santo André, os principais eixos viários do bairro e com pavimento em mau estado. E outra razão principal foi por serem os três lugares onde se sente mais a multiculturalidade e o cruzamento das diversas nacionalidades.

Seguiu-se um levantamento fotográfico das fachadas das três ruas que originou a montagem dos desdobráveis (Figura 20, 21, 22 e 23), é de notar que a intervenção se faz apenas no nível térreo visto este ser o melhor motor para a promoção de encontro e espaço público, de qualquer das maneiras, foi tido em conta o número de alojamentos locais existentes e que estão nos pisos superiores.

Finalmente foi delimitada a área de intervenção a três ruas: Rua do Benfornoso, Rua dos Cavaleiros e Calçada de Santo André.



Figura 19 . Definição do Território de Intervenção: Rua do Benfornoso, Rua dos Cavaleiro e Calçada de Santo André (fonte: autora).

## ATIVIDADES



Agência de Viagens



Alojamento Turístico



Armazém de Revenda, Bijuterias e *Souvenirs*



Cabeleireiro/ Barbearia



Café/ Bar



Eletrônica



Ofício



Restaurante



Retrosaria



Roupa



Supermercado/ Mercearia

## ORIGEM



Bangladesh



China



Guiné



Índia



Itália



Moçambique



Nepal



Paquistão



Portugal



Rússia



Reino Unido



Vietnam

Figura 20 . Mapeamento das Atividades da Rua do Benfornoso (fonte: autora).



## ATIVIDADES



Agência de Viagens



Alojamento Turístico



Armazém de Revenda, Bijuterias e *Souvenirs*



Cabeleireiro/ Barbearia



Café/ Bar



Eletrônica



Ofício



Restaurante



Retrosaria



Roupa



Supermercado/ Mercearia

## ORIGEM



Bangladesh



China



Guiné



Índia



Itália



Moçambique



Nepal



Paquistão



Portugal



Rússia



Reino Unido



Vietnam

Figura 21 . Mapeamento das Atividades da Rua dos Cavaleiros (fonte: autora).



## ATIVIDADES



Agência de Viagens



Alojamento Turístico



Armazém de Revenda, Bijuterias e *Souvenirs*



Cabeleireiro/ Barbearia



Café/ Bar



Eletrônica



Ofício



Restaurante



Retrosaria



Roupa



Supermercado/ Mercearia

## ORIGEM



Bangladesh



China



Guiné



Índia



Itália



Moçambique



Nepal



Paquistão



Portugal



Rússia



Reino Unido



Vietnam

Figura 22 . Mapeamento das Atividades da Calçada de Santo André (fonte: autora).



## ATIVIDADES



Agência de Viagens



Alojamento Turístico



Armazém de Revenda, Bijuterias e *Souvenirs*



Cabeleireiro/ Barbearia



Café/ Bar



Eletrônica



Ofício



Restaurante



Retrosaria



Roupa



Supermercado/ Mercearia

## ORIGEM



Bangladesh



China



Guiné



Índia



Itália



Moçambique



Nepal



Paquistão



Portugal



Rússia



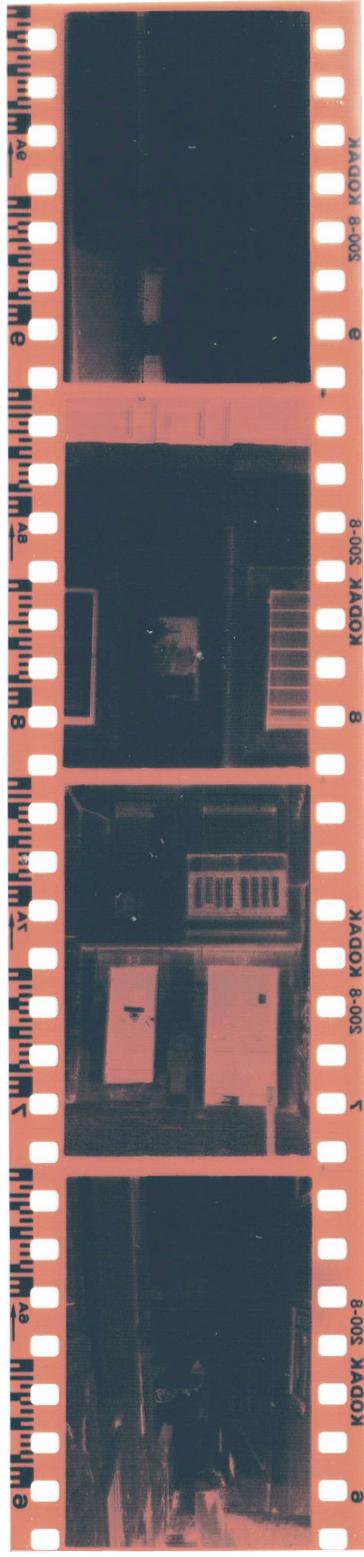
Reino Unido



Vietnam

Figura 23 . Mapeamento das Atividades da Calçada de Santo André (fonte: autora).





## 4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de projeto é uma intervenção de espaço público, que vem na reflexão da iniciativa *Age-Friendly Cities* da Organização Mundial de Saúde, dentro da diretiva de espaço público.

Depois da análise feita no capítulo anterior, e principalmente com base nos inquéritos e conversas feitas no bairro da Mouraria foi perceptível que já existe algum apoio aos idosos por parte da Junta de Freguesia e que, apesar da falta de espaço verde no bairro, a maioria das pessoas não se queixou da falta de jardins, árvores ou bancos. O ponto de encontro para os idosos e para a maioria dos residentes são os vários cafés do bairro, cada um tem o café habitual onde vai de manhã ou à tarde e é lá que as pessoas se relacionam. Por essa razão não se optou por fazer um jardim ou espaço público mais convencional. Posto isto, e tendo em conta que já existe um sentido de inclusão e relação entre pessoas, mas que a multiculturalidade é algo que está encerrado em cada cultura, a intervenção passa por resolver pequenos problemas que promovam o sentido de comunidade e os aspetos age-friendly. Ao mesmo tempo, notou-se o surgimento de alguns novos comércios em paralelo com alguns comércios antigos e que estão um bocado esquecidos.

A turistificação crescente e o aumento de alojamento locais, resultados da gentrificação e conseqüente descaracterização do bairro, podem servir como uma oportunidade de troca de conhecimentos, gerações, ideias e rendimento económico.

Nesta proposta, a arquitetura pretende servir de motor para a dinamização do bairro, age-friendly na medida em que o contacto intergeracional e a economia de novos comércios e comércios antigos seja algo benéfico para a comunidade multicultural e haja uma partilha de conhecimento entre novos e velhos.

Para isso o objetivo da intervenção é melhorar alguns aspetos físicos do espaço público, tornando-o num lugar de circulação mais lenta ou num espaço de permanência e valorizando o comércio local, numa estratégia de chamada de atenção para o que a Mouraria oferece.

Sendo assim cria-se uma base para um ecodesenvolvimento, na Mouraria, a nível social, económico e cultural.

A aplicação de uma economia colaborativa pode permitir trocas de aprendizagem podem traduzir-se em parcerias entre comércios antigos e novos, de modo a que o risco de gentrificação se transforme numa potencial revitalização económica e social do bairro, apoiada sobre uma base de ofícios

antigos e locais.

A proposta divide-se então em duas partes: a primeira é uma ação permanente sobre o espaço e a segunda é um conjunto de possibilidades temporárias, feitas a partir de um menu.

Propõe-se como ação permanente (Figuras 23, 24, 25 e 26), nivelar a Rua dos Cavaleiros e a Calçada de Santo André de maneira uniforme (a Rua do Benfornoso já tem o pavimento nivelado), sendo que o passeio e a estrada estariam todos à mesma cota e com lajetas em pedra lioz com acabamento escacilhado e remate em pedra lioz bujardada.

Visto que, estas duas ruas serem os principais acessos de veículos para o bairro e é onde passa o elétrico 12, não seria possível torná-la pedonal. Por isso a sugestão seria tornar a Rua dos Cavaleiros apenas com um sentido (ascendente) e manter a Calçada de Santo André nos dois sentidos. O facto de nivelar a rua uniformemente permitiria a permeabilidade das pessoas de caminharem tanto no passeio como na estrada e conseqüentemente abrandar a velocidade dos carros. Para impedir o estacionamento de veículos na bermas e como objeto de auxílio para os idosos, enquanto sobem ou descem a rua, seriam colocados corrimões ao longo das ruas.

Estes corrimões seriam o elemento que ao mesmo tempo que seriam um apoio, teriam a função de sinalizar os comércios relevantes para o bairro. Os corrimões seriam pretos por definição e quando estivessem à frente de um dos ofícios selecionados, passaria a uma cor luminescente que o sinalizasse. O corrimão seria uma linha condutora que descendo até ao solo indicaria o comércio ao qual está associado. Ao lado colocar-se-ia uma placa com informação geral sobre o comércio. (Figura 25).

A segunda parte, inspirada no urbanismo tático de Marcos L. Rosa, seria a elaboração de um menu de opções (Figura 27) que os residentes poderiam escolher aplicar no território e que teriam um carácter pontual ou temporário como por exemplo: um cinema ao ar livre no Largo do Benfornoso; canteiros em fachadas, onde se podem cultivar ervas aromáticas oriundas de várias partes do mundo; caixotes do lixo; uma exposição de "Comércio no Estendal" nas ruas, colocando cabos de aço onde estariam cartazes de descrição de cada comércio e onde encontrá-los, expostos como se fossem roupa no estendal (Figuras 28, 29, 30 e 31).

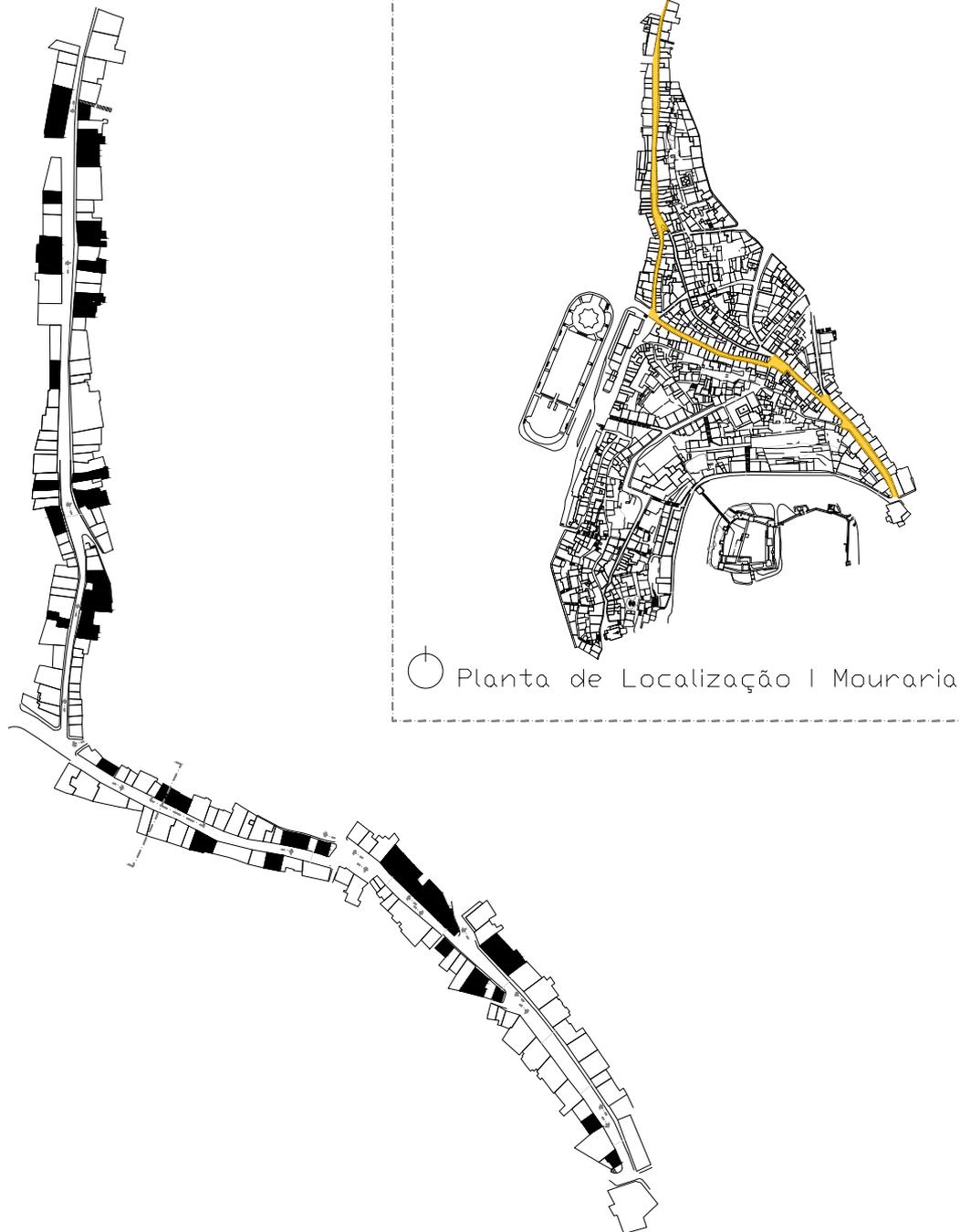
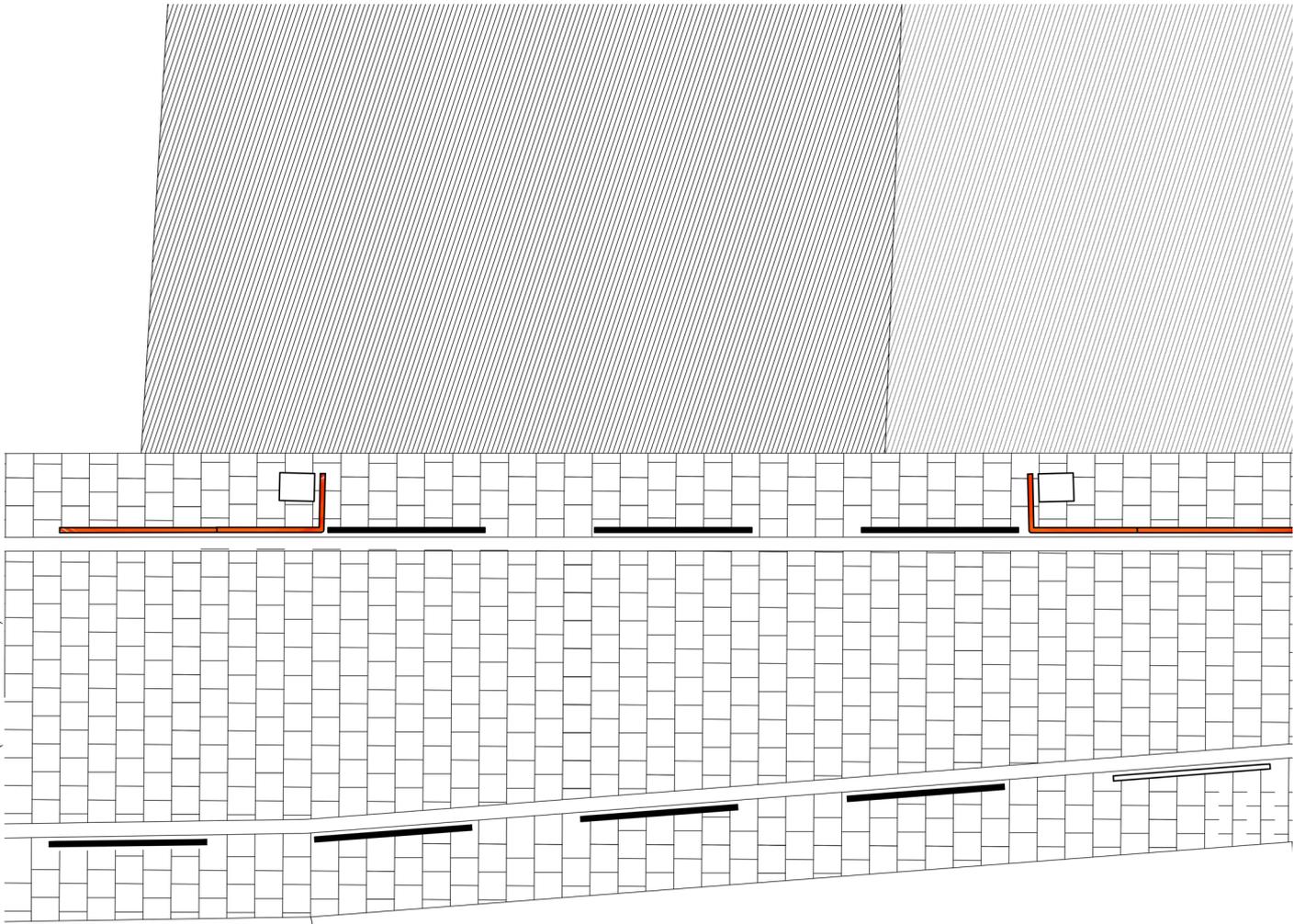


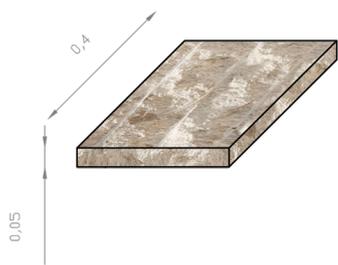
Figura 24 . Planta de Localização e Planta de Território de Intervenção (fonte: autora).

Figura 25 . Planta do troço da Rua dos Cavaleiros (fonte: autora).



Planta de troço da Rua dos Cavaleiros | 1.100

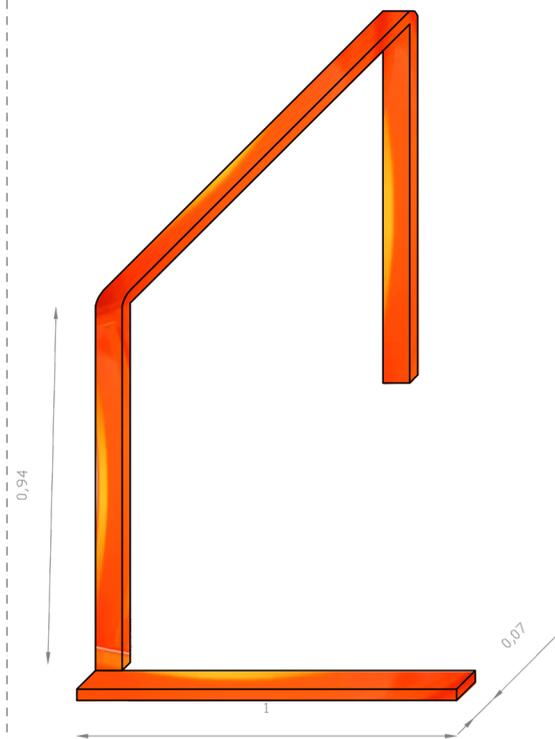




Lajeta e pedra lioz escacilhada

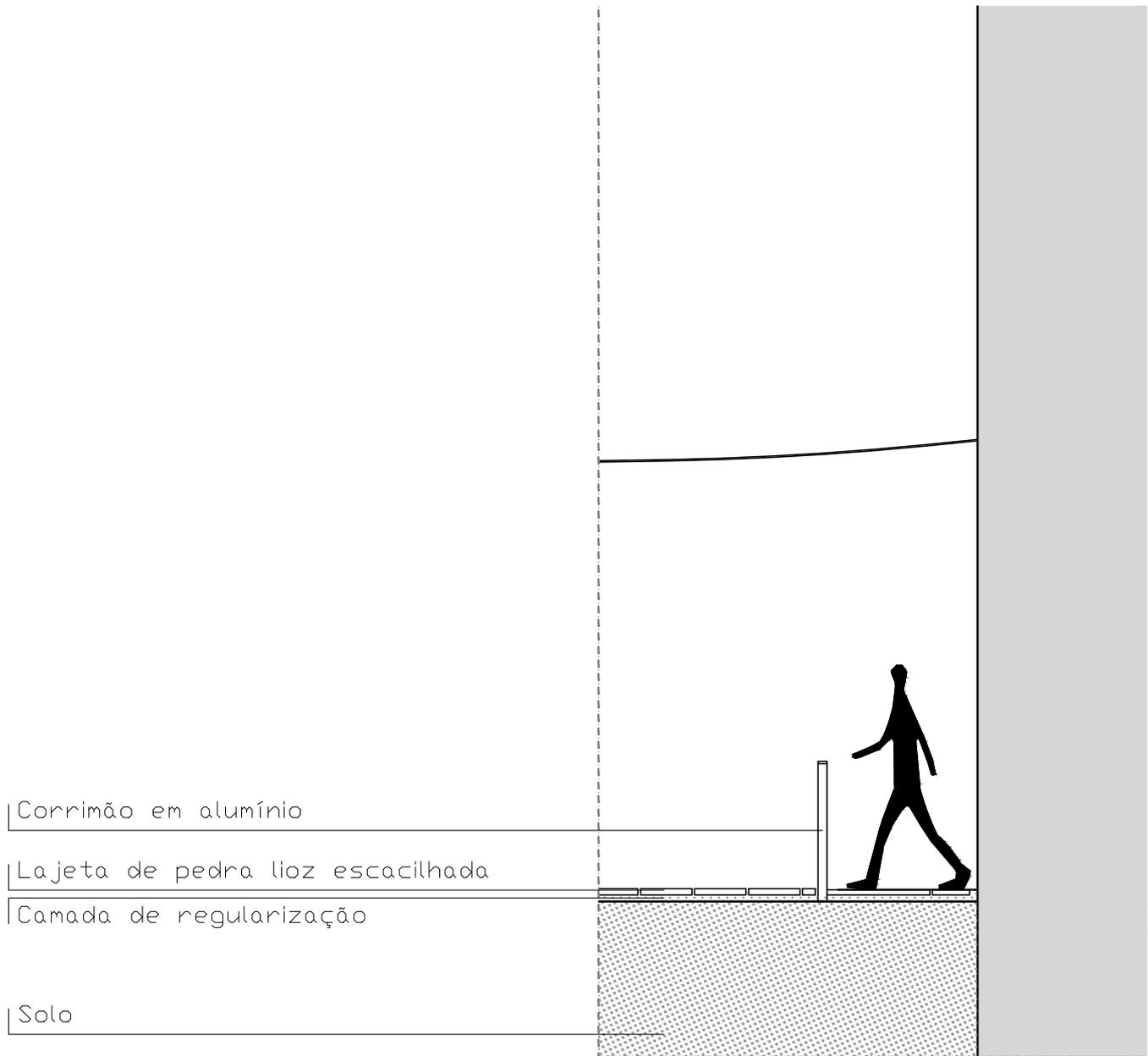


Corrimão em alumínio pintado com tinta mate preta



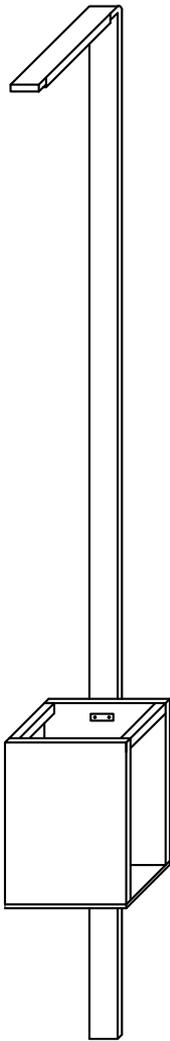
Corrimão em alumínio pintado com tinta luminescente laranja

Figura 27 . Detalhe da Intervenção (fonte: autora).

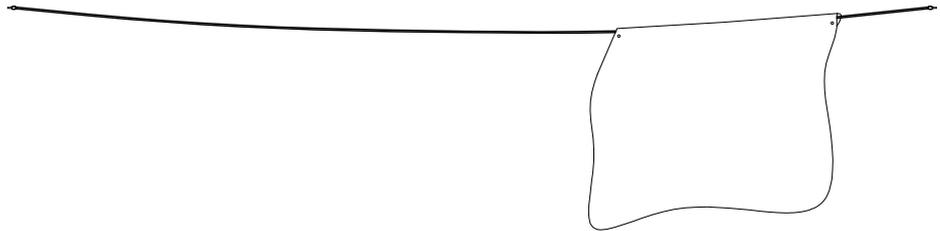


Detalhe da rua | 1,50

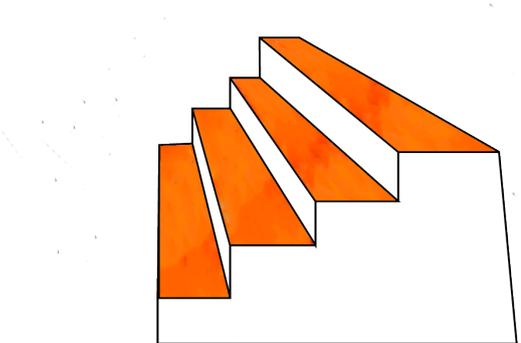
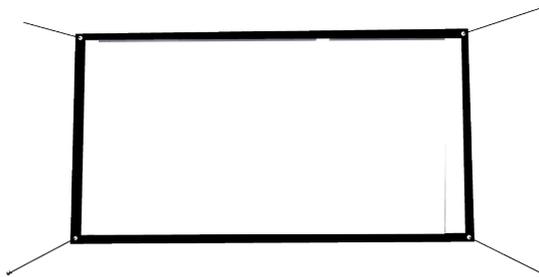
## MENU DE MICROPRÁTICAS



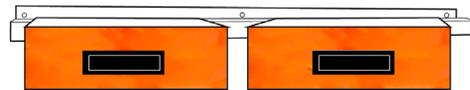
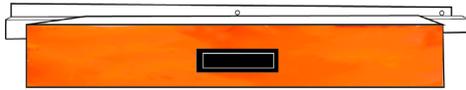
1. Iluminação de rua com caixote do lixo



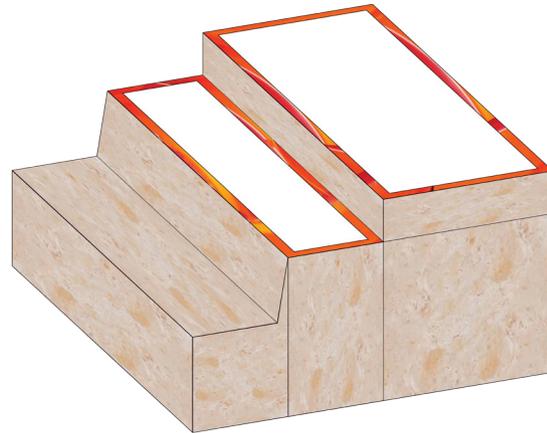
2. Cabos de aço e tela para exposições nas ruas



3. Escadas e tela para cinema ao ar livre



4. Canteiros comunitários em calha metálica



5. Fachadas deterioradas com arte urbana



6. Módulo de banco com dois canteiros e caixotes de reciclagem na parte traseira



Figura 29 . Fotomontagem da proposta de intervenção - Cinema ao ar livre e Exposição “Comércio no Estendal” (fonte: autora).



Figura 30 . Fotomontagem da proposta de intervenção - Arte Urbana nas fachadas e Módulo de bancos com reciclagem (fonte: autora).



Figura 31 . Fotomontagem da proposta de intervenção - Corrimões de marcação de comércio (fonte: autora).



Figura 32 . Fotomontagem da proposta de intervenção - Canteiros comunitários (fonte: autora).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mouraria é um bairro que foi crescendo por camadas e com uma carga cultural muito díspar que se reflete no tipo de população existente, nos seus comportamentos e hábitos, numa economia inconstante e conseqüentemente numa arquitetura e urbanismo poeticamente caóticos e desordenados.

A proposta de projeto não tenciona resolver o bairro em si mesmo, mas sim abrir portas para pequenas mudanças que a longo prazo possam levar a uma transformação positiva - uma nova camada.

Sendo que foi possível observar como os ciclos económicos desenharam ou se refletiram no espaço público e conseqüentemente nas relações entre pessoas; seja na largura das ruas dos tempos romanos e dos tempos mouros, ambos à escala humana; ou mais tarde no século XX, quando começam a ser feitos os alargamentos e prolongamento da Rua da Palma devido ao tráfego dos coches; ou ainda, quando pelos novos modelos económicos neoliberais, o aumento de turistificação e gentrificação, dão lugar aos alojamentos locais e aos constantes despejos dos habitantes, O que se pretende é mais uma vez refletir um espaço público que acompanha um ciclo económico saudável e reforça o sentido de comunidade. Neste sentido a intervenção age-friendly não se cinge apenas à melhoria de pavimentos e de um corrimão de apoio, nem a um menu de opções temporárias, mas sim de uma consolidação de ideia de comunidade e inclusão, através do seu empoderamento.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- Buffel, T. and Phillipson, C. (2016) 'Can global cities be "age-friendly cities"? Urban development and ageing populations', *Cities*. Elsevier B.V., 55(January), pp. 94–100. doi: 10.1016/j.cities.2016.03.016.
- Capel, H. (2003) *Mediterraneo Economico - Ciudades, Arquitectura e Espacio Público*.
- CML (2012) 'Manual Técnico do Plano Diretor Municipal de Lisboa', 2012.
- CML; Gouveia, P. H. de, Nave, P. A. and Simões, J. F. (2013a) *Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa\_Vol 1\_Objetivos e Enquadramento*.
- CML; Gouveia, P. H. de, Nave, P. A. and Simões, J. F. (2013b) 'Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa\_Vol 2\_Via Pública', pp. 1–18.
- Council, M. C. (no date) 'Living in Manchester – our age-friendly city', in: Elias Almeida, A. R. (2016) 'MOURARIA : História e Forma Urbana'.
- Filho, G. M. (1993) 'ECODESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL CONCEITOS E PRINCÍPIOS', pp. 131–141.
- Frenken, K. (2017) 'Political Economies and Evironmental Futures for the Sharing Economy'.
- Gouveia, P. H., Simões, J. F. and Nave, P. A. (2011) *As Ruas também são Nossas - Relatório de Consulta Pública*. Lisboa.
- Handler, S. (2014) *An alternative age-friendly handbook \**. The University of Manchester Library.
- Jacinto, R. (2017) *A Rua é de todos - Pampulha Cria Valor 2.0*. Lisboa.
- Kinsella, K., Victoria, A. and Way, P. O. (2001) 'An Aging World : 2001', p. 190.
- Mendes, L. (2014) 'Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal : uma análise crítica à luz da tese rent gap de Neil Smith Introdução'.
- Mendes, L. (2017) 'Gentrificação turística em Lisboa : neoliberalismo , financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009 Introdução'.
- Organization, W. H. (2007) 'Global Age-friendly Cities: A Guide', *Community Health*, p. 77. doi: [http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9789241547307\\_eng.pdf?ua=1](http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9789241547307_eng.pdf?ua=1).
- Plouffe, L., Kalache, A. and Voelcker, I. (2016) 'Chapter 2 A Critical Review of the WHO Age-Friendly Cities Methodology and Its Implementation'. doi: 10.1007/978-3-319-24031-2.
- WHO (2007) 'Vancouver Protocol: Who Age-Friendly Cities Project Methodology'.
- Rosa, M. L. (2013) 'Handmade Urbanism, disponível em: [https://issuu.com/marcosrosa/docs/handmade\\_urbanism\\_pdf](https://issuu.com/marcosrosa/docs/handmade_urbanism_pdf)

(acedido a 10 setembro, 2018)

Rosa, M. L. (2011) 'Microplanning – urban creative practices', disponível em: <http://marcosrosa.com/Microplanning> (acedido a 10 setembro, 2018)

Rosa, M. L., Stiphany, K. 'Transbordering', disponível em: <http://marcosrosa.com/Transbordering> (acedido em setembro, 2018)

Urban Dictionary (2006) 'Gentrification', disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Gentrification> (acedido em agosto, 2018)

Senescência 'Barcelona age-friendly city', disponível em: [www.ub.edu/senescencia/noticia/age-friendly-cities-case-barcelona/](http://www.ub.edu/senescencia/noticia/age-friendly-cities-case-barcelona/) (acedido em novembro, 2017)

Gehl, J. (2017) 'A Vida Entre Edifícios'

Associação Renovar a Mouraria (2013) 'Rosa Maria Nº 5'

Associação Renovar a Mouraria (2015) 'Rosa Maria Nº 8'

Barcelona (2017) 'Wikipedia', disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelona> (acedido em novembro, 2017)

Lisboa (2017) 'Wikipedia', disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa> (acedido em novembro, 2017)

Assembleia da República (2005) 'Constituição da República Portuguesa – VII Revisão Constitucional [2005]' (acedido em setembro, 2018)

Manchester School of Architecture (2016), 'Ambition for Ageing' <http://www.msa.ac.uk/maf> (acedido em dezembro, 2017)

Greater Manchester Center for Voluntary Organisation 'Ambition for Ageing', disponível em: <https://www.gmcvo.org.uk/ambition-ageing> (acedido em dezembro, 2017)

Ambition for Ageing 'Manchester' <https://www.ambitionforageing.org.uk/manchester> (acedido em dezembro, 2017)

Rinne, A (2017) 'What exactly is the sharing economy?', disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2017/12/when-is-sharing-not-really-sharing/> (acedido em agosto de 2018)

World Health Organization (no date), 'Age-Friendly World', disponível em: [https://extranet.who.int/agefriendlyworld/search-network/?\\_sft\\_countries=portugal](https://extranet.who.int/agefriendlyworld/search-network/?_sft_countries=portugal) (acedido em agosto, 2018)





# PARTE II

VERTENTE PRÁTICA



Figura 33 . Campos do ribatejo inundados, fotografia analógica (fonte: autora).

# 1. PROPOSTA - PALÁCIO DAS OBRAS NOVAS

## 1.1 PROPOSTA DE GRUPO

Entre “pauis” e “campos de pão” (Mattoso, Daveau, Belo, 2013) encontramos o lugar do Ribatejo. O nome advém daquele que é o seu elemento físico mais importante, ao qual o lugar está adjacente - o Rio Tejo. Por reflexo ao Alentejo, encontramos junto às margens do rio uma imensa planície irrigada com pequenos afluentes, que abre espaço para umas das terras mais férteis de Portugal. Eram estas povoações ribeirinhas cercanas de Lisboa que serviam de celeiro à capital até ao final do século XIX, fornecendo o alimento primordial - o pão.

Aqui a terra apresenta-se num extenso vale onde o rio aparece “de horizonte a horizonte” (Mattoso, Daveau, Belo, 2013), vagueando entre bancos de areia. A imagem aparentemente serena, esconde os desastres causados pelas cheias que acontecem em períodos de chuva, vindo da serra de Montejunto, são chamadas as águas do monte. Se por um lado são destruidoras por outro é pelo aluvião depositado lentamente nas margens que estas terras são tão férteis. Ao longo dos anos estas margens foram crescendo e o depósito que ficou acabou por moldar estes limites de uma forma mais alta do que no interior da planície. Como resposta às enchentes e numa tentativa de escoar as águas até ao Tejo, desde o século XII que se começaram a fazer valas, tornando os pântanos ribatejanos em campos agrícolas ricos em fertilizante natural. Finalmente, no século XVI foi traçado um plano de obras de drenagem para as zonas ribeirinhas. No século XVIII, Marquês de Pombal mandou completar a vala da Azambuja e no século XIX a vala de Alpiarça, ambas navegáveis.

Atualmente distinguem-se três paisagens reflexos da vida quotidiana do que tem sido o Portugal industrial que mantém as suas humildes origens agrícolas. Se por um lado aparecem para lá da linha do comboio - novo eixo paralelo ao rio - os extensos campos agrícolas, numa escala rasa, do outro lado deste limite encontramos o lugar das indústrias numa escala esmagadora e barulhenta. A média escala, entre os dois anteriores, estão as vilas do ribatejo que vão surgindo como pequenas manchas edificadas na paisagem. E são nestas três escalas que se move o Ribatejo atual, deixando o Rio como uma memória longínqua que não pertence a lugar nenhum.

Enraizada na cultura ribatejana é possível encontrar os peregrinos que desde o início do século XX, após as aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos, utilizam a os caminhos próximos ao Tejo para se deslocarem de Lisboa a Fátima. O Caminho do Tejo é um percurso com 141 km desde a Sé de Lisboa ao Santuário de Fátima, composto por várias dificuldades é também o mais perigoso a nível

nacional pois, a proximidade que tem com as vias de trânsito rápido para os automóveis faz com que a existam todos os anos graves acidentes entre ambos. Com o crescimento exponencial do turismo em Portugal é possível observar um número crescente de pessoas a fazerem este trajeto, sendo necessária uma intervenção que permita ao mesmo acontecer em segurança.

A proposta de grupo provém desta ligação histórica aos caminhos de Fátima, fazendo uma junção de ambos os elementos. A construção das valas permitiu a abertura de caminhos pedonais ao longo de todo o rio, numa extensão que atravessa todo o concelho da Azambuja, assim a nossa solução passa pelo aproveitamento dessas mesmas vias para criar um percurso de ligação entre a Vala do Carregado até Santarém, passando por Vila Nova da Rainha, Vala da Azambuja e Palácio das Obras Novas. Tornando possível uma via circular que servirá não só para os peregrinos, mas também para os habitantes, permitindo a estes explorar e aceder a todos os locais do município e aos trabalhadores das indústrias existentes que atualmente têm de percorrer a nacional 3 a pé caso queiram chegar ao seu local de trabalho vindos da estação de comboios da Azambuja ou de Vila Nova da Rainha.



Figura 34 . Proposta de grupo (fonte: autora).



## 1.2 PROPOSTA INDIVIDUAL

O conjunto de canais fluviais e obras novas realizadas no Ribatejo, entre 1782 e 1795, tiveram como propósito o enxugo dos campos da Azambuja e Santarém e a valorização dos terrenos junto à capital. Entre elas encontramos a Vala Real ou Vala da Azambuja. Com quase 25 metros de comprimento era uma vala totalmente navegável que desagava no Rio Tejo.

Localizado junto à foz da Vala Real e através de um despacho do Estado de 1839, que exigia a construção de um edifício para albergar pessoas, foi construído o Palácio das Obras Novas.

Mandado construir por D. Maria I em inícios do século XIX, o Palácio das Obras Novas ou Palácio da Rainha localiza-se na interseção da Foz da Vala Real com o Rio Tejo. O palácio funcionava como hospedaria e posto de controlo de tráfego à carreira de vapores entre Lisboa e Constância. Por ali passavam tanto mercadorias como pessoas. Mais tarde foi nobilitado e usado como Palácio de descanso para reis e rainhas que queriam passar largas temporadas afastados do caos da capital. Caracteriza-se por uma robusta arquitetura neoclássica bastante sóbria, mas monumental. A chegada ao palácio era feita por uma longa e tranquila alameda de palmeiras, isolada da malha urbana.

O Palácio divide-se em dois volumes, numa planta em T. Na fachada sul, o piso térreo apresenta-se com 3 arcos de volta perfeita e no piso superior 3 janelas correspondentes à porta, em verga reta. É rematado por um frontão triangular. Os panos laterais são constituídos por duas portas em arco de volta perfeita no piso 0 e janelas correspondentes no piso superior em verga reta. Ao lado do Palácio supõe-se que existia uma pequena cavaleriça, da qual já não restam ruínas. Existiam também uma Docal Real em pedra, junto às margens da Vala e uma eclusa junto à Foz da mesma.

Atualmente, da sua arquitetura robusta e monumental restam apenas ruínas e um lugar descaracterizado. A proposta de projeto pretende reenquadrar o Palácio no contexto urbano, consolidando o seu programa em articulação com as outras duas intervenções - em Vila Nova da Rainha e no início da Vala junto à estação de comboios - juntamente com criação de um percurso ribeirinho alternativo aos Caminhos de Santiago, que serve aos peregrinos e à população da Azambuja.

Propõe-se uma reabilitação do Palácio como hospedaria e espaço de encontro da Vila bem como construção de outros dois complexos - o edifício anexo que servirá de infraestruturas de apoio à ciclovias e aos desportos náuticos da vala, no antigo lugar da cavaleriça; e um novo corpo de quartos

privados. É também reconstruído o antigo Cais Real.

A intenção do projeto é devolver o carácter da Vala e ter um novo espaço dinamizador da cidade, longe da malha urbana.

É então feita uma reconstrução de um dos corpos do Palácio (Corpo A) devolvendo o carácter de alojamento turístico com dormitórios no piso superior, enquanto que o piso térreo serve os serviços de receção, sala de reuniões, cozinha e sala de jantar. São mantidas as várias lareiras que aparecem como lugar do fogo ao longo dos espaços e que, de certa forma, contrastam com o lugar da água dado pela vala. Os novos elementos aparecem como pequenos módulos que se colocam sobre o espaço sem tocar nas paredes, o uso da madeira é utilizado para reforçar aquilo que é novo por contraste à massa pesada dada pelas paredes de alvenaria em tijolo de burro. O corpo B é deixado com o carácter de ruína e é pavimentado para que possa servir como espaço expositivo ou de lazer para várias atividades. No centro, o pátio surge como elemento interior-exterior sem cobertura e uma árvore permanece como elemento natural. Afastado do Palácio, a Este, é desenhado um novo módulo de quartos privados numa estrutura de madeira elevada do chão, que remete às construções palafíticas encontradas nas aldeias avieiras. A planta quadrada confere-lhe o rigor das formas do estilo neoclássico e o revestimento em painéis de madeira móveis que, apesar de leves, configuram uma robustez aparente de elemento único. Este é um elemento que acaba por se misturar na paisagem natural arborizada. Utilizando a mesma lógica do Palácio as circulações são feitas através de salas, onde o centro é um vazio sem cobertura. Um armazém em tijolo de burro é erguido no antigo lugar da cavaliça para apoio aos desportos náuticos que se iniciam na Vala junto à estação de comboios.



Figura 35 . Gravura do Palácio das Obras Novas (fonte: 'Rio Tejo desde os Campos de Salvaterra até ao Carregado' 1861).



Figura 36 . Palácio das Obras Novas, fotografia analógica (fonte: autora).



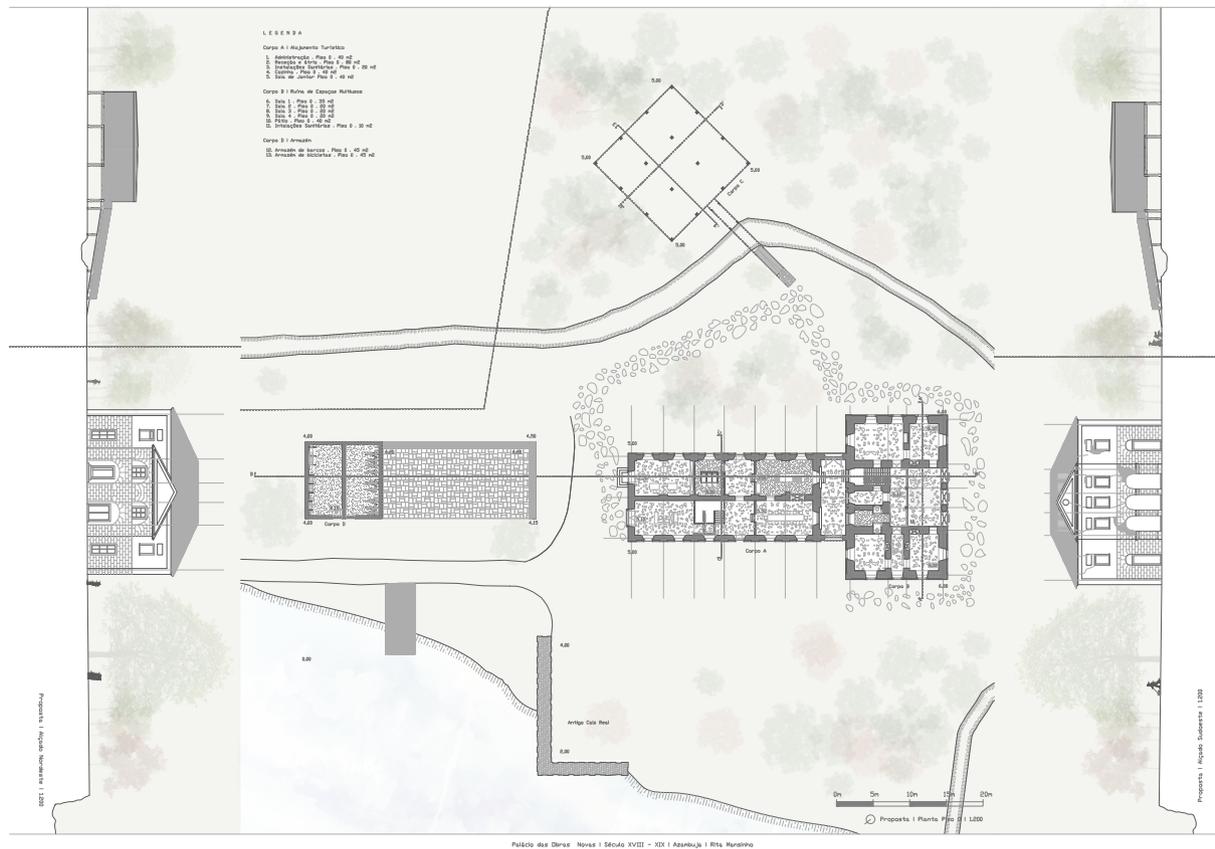


Figura 38 . Planta Piso 0 e Alçados (fonte: autora).

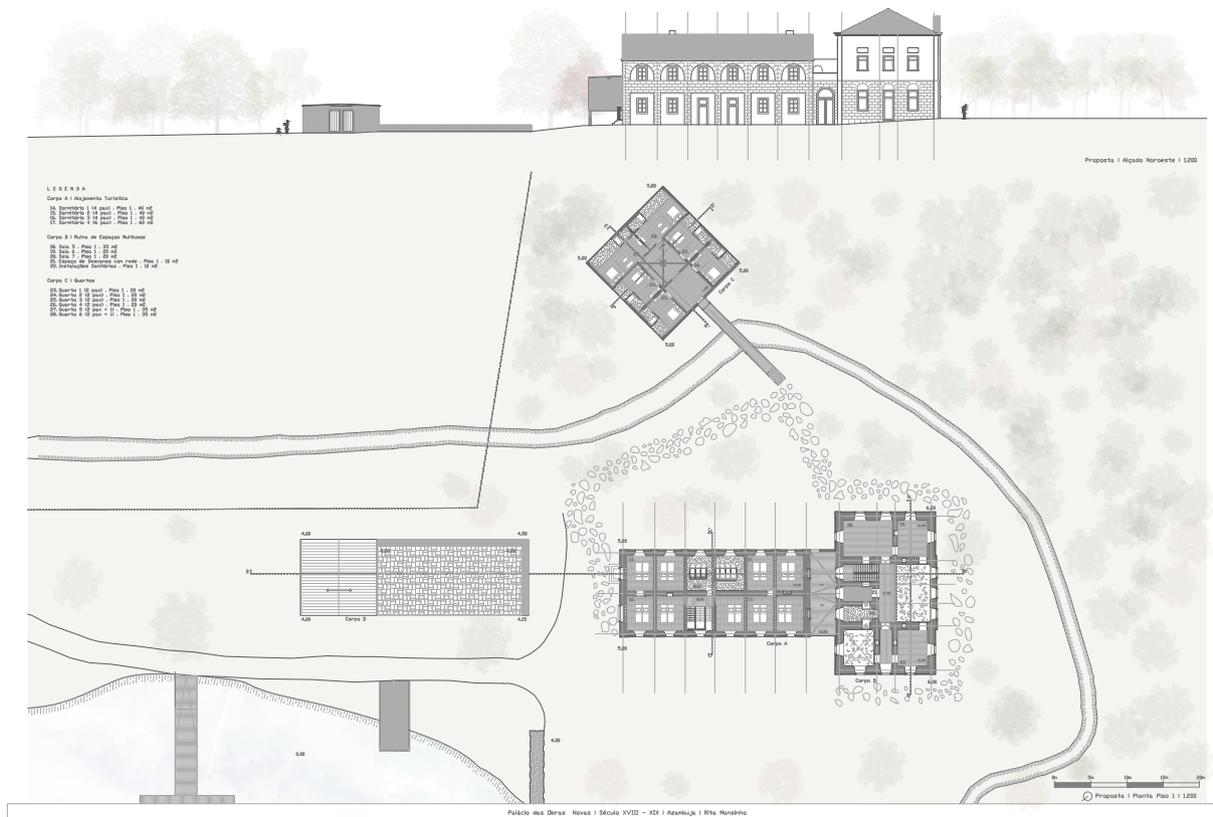


Figura 39 . Planta Piso 1 e Alçado (fonte: autora).



## 2. BIBLIOGRAFIA

Mattoso, J., Daveau, S., Belo, D. (2013) 'Portugal - O Sabor da Terra'

Pereira, J. (2002) 'Obras de Fomento Régio no Ribatejo 1782/1795 - A Vala da Azambuja'

Brito e Silva, G. (2009) 'O Palácio das Obras Novas - Azambuja', disponível em: <http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/o-palacio-das-obras-novas-azambuja.html> (acedido em novembro 2017)



## ANEXOS

inquérito feito na  
Linha do Boulvar.

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!  
 Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
 Alice Almeida.

2. Ano de Nascimento:  
 1962

3. Sexo:  
 a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
 Não.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
 31 anos.

6. Mora sozinho?  
 a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?  
 a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?  
 a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Combolo  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
 Sim.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
 Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
 Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?  
 a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos Helenus Plus (lado 1 da Mouraria).  
 f. Café/restaurante Lancharia Beneficente.  
 g. Outro. Qual? Patisserie, Arrozeira.

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
 Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?  
 a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins no do Martin Moura está maltratado. não há rega.
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento

① Outro, Qual? falta de limpeza por parte das pessoas. As pessoas que são porcas. Não há limpeza das fachadas de toda a parte da praça.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?  
Depende dos sítios.

16. Trabalhadora no balcão da Lactaria do Bafofmosa.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 5/02/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Lisboa 5/2/2018

Rita Mansinho  
(O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: Carlos Pereira

2. Ano de Nascimento: 1948

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Sim, nas pernas inchadas e rouquidão.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
50 anos.

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-Friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Comboio  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Sim, às vezes de vezes em queda ao chão.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não uso transportes.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante do Sítio  
g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-Friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras (alameda de Santo André) (3)
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento e sua vergalho.
- l. Outro. Qual? Falta grama.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

16. Reformado, trabalhava na Faculdade.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 6º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu ELILOS PEREIRA, declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 22/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Elilós 124 6218

Elilós PEREIRA  
(O Inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

inquirido feito na  
leitura por do  
horreirinho

Bom Dia!  
 Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: *Irene Nóbrega*

2. Ano de Nascimento: *11-6-1952*

3. Sexo:  
 a. Feminino   
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
*andar um pouco a pé sozinho*

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
*30 anos*

6. Mora sozinho?  
 a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?  
 a. Todos os dias   
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?  
 a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Comboio  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
*Hoje em dia andar com um pouco de receio  
porque no bairro o aumento dos passos já não  
está do mesmo a favor de andar*

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*Ando bem, apenas a andar a pé  
sozinho*

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*Não tem nenhuma dificuldade a que  
já não tem nenhuma dificuldade a que*

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?  
 a. Farmácia   
 b. Centro de dia   
 c. Centro de Saúde   
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante   
 g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
*Não vejo um pouco para fora de Lisboa*

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?  
 a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública   
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

*Rampas prefer escadas se houverem em  
parco difíceis para os idosos, e cada vel  
hoim a população esta a envelhecer.*

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

*Lisboa 15/06/2018*

*Rita Mansinho*  
(O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
José Silva

2. Ano de Nascimento:  
1964

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Não

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
48 anos

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

b. Todos os dias  
c. 3 a 4 vezes por semana  
d. 2 a 3 vezes por semana  
e. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Comboio  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não há

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/ restaurante  
g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d) Bancos
- e) Corrimões
- f) Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas (já existem atrás dos prédios)
- h) Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k) Melhoria de pavimento *travar a calçada.*
- l. Outro. Qual?  
*Superfície relacionada com a calçada.*

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

*Rampas.*

16.

*Faltam espaços verdes e espaço público.*

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito-pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

29.05.2018

  
(O inquirido)

*Inquérito feito no Largo da Severa*

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: *Josefina Henriques*

2. Ano de Nascimento: *1942*

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
*Dores de pernas e cintura*

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
*76 anos.*

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Combolo  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
*Sim, gosto muito e conheço.*

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*O pavimento no Largo do Terreirinho é muito novo*

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*Não usa muito, mas não tem dificuldade.*

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja *fez os desígnios, na paróquia aqui do bairro.*  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante  
 g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
*Não.*

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Rampa.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
Laurinda Afonso Sales

2. Ano de Nascimento:  
1935

3. Sexo:  
 a. Feminino  
b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Braço direito, sem força. De resto não.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
Não mora na Mouraria. Teu estabelecimento: "Diogenia Abrão Duarte" (está há seis décadas).  
Lda.

6. Mora sozinho?  
a. Sim  
b. Não

7. Costuma sair de casa?  
 a. Todos os dias  
b. 3 a 4 vezes por semana  
c. 2 a 3 vezes por semana  
d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?  
a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Combolo  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim, porque avia de dia. A noite é perigoso.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?  
a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/ restaurante  
g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?  
a. Mobiliário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d) Bancos de Alívio
- e) Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética

k. Melhoria de pavimento  
 l. Outro. Qual? mais estacionamento para carros. Principalmente para poder carregar e descarregar.  
 Limpar. Fazer mais. Reclarificar.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Rampas.

16. Sugestões:

Estacionamento p/ carros de pessoas que tem estabelecimentos.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Fausto Gomes Telo, declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Lisboa, 29/5/2018

Fausto Gomes Telo  
 (O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:

Maria Chaves

2. Ano de Nascimento:

1948

3. Sexo:

- a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?

Não.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?

46 anos.

6. Mora sozinho?

- a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

- a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

- a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-Friendly Cities – Lisboa | Rita Mansinho

- b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Comboio  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?

Sim. Ainda ninguém me roubou nada.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.

Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.

Não, mas o metro nem dáio.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

- a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante  
 g. Outro. Qual? Nada.

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?

Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

- a. Mobilário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-Friendly Cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d) Bancos de jardim e setar
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l) Outro. Qual? falta de limpeza, é preciso mais

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Escadas.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 27/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

29/

Rita Mansinho  
(O inquirido)

inquérito feito no  
café Pastelaria Lapa 105

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
Maria Amélia Miranda

2. Ano de Nascimento:  
1965

3. Sexo:  
 a. Feminino  
b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Sim, braço.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
33 anos

6. Mora sozinho?  
a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?  
 a. Todos os dias  
b. 3 a 4 vezes por semana  
c. 2 a 3 vezes por semana  
d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?  
a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro e elétrico  
 d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Comboio  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
De há um tempo para cá não. A gente de antes tinha as portas abertas e agora não. De há uns 40 anos para cá é um pouco mais seguro porque mudou o layout da rua (da Mouraria).

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
A noite não saio. Tenho sempre medo da rua da Mouraria.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Sim, pelo medo. Mais o 28, 16 e o 12 (elétrico).

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?  
 a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante  
g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?  
a. Mobilário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos já havia muitos mas foram porque as bicicletas ficaram lá a <sup>dormir</sup>
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins só m. mas não há espaço.
- i. Passadeiras ao pé do metro. arringar a passeadeira da rua dos cavalheiros.
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual? lizo! por uma calçada, mais organizada.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Escadas.

16. Trabalho, emprego doméstico.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 00217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Amélia Freitas Miranda declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Lisboa, 15/6/2018

Rita Amélia  
(O Inquirido)

inquérito bairro Ladeira  
do Beirão

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: Maria Rosa Moreira

2. Ano de Nascimento: 1949

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Não

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
47 anos

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Comboio  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Medo, falta na iluminação...

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante Ladeira do Beirão  
 g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobilário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos ao pé do edifício, rampa com banco em vez das escadas
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação há um porque nos não interessa a injeção, se quiserem aqui havia já um pl. lá os telhados.
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética de orientação
- k. Melhoria de pavimento todo igual, desnivelado agora.
- l. Outro. Qual? Váfariz.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?  
Escadas.

16. Trabalha ou holeria 7h-12h00 e é reforçado.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Rita Mansinho  
 (O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

*inquérito feito no café*

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
*Maria Gilete Silva*

2. Ano de Nascimento:  
*1933 (85 anos)*

3. Sexo:  
 a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
*Não.*

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
*65 anos*

6. Mora sozinho?  
 a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?  
a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
c. 2 a 3 vezes por semana  
d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?  
 a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Marinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Comboio  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
*Sim.*

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*Sim.*

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
*Sim.*

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?  
a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/ restaurante *Costuma "Café Boreira da"*  
 g. Outro. Qual? *Nenhuma*

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
*Não.*

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?  
a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Calxotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Marinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passeadeiras
- j. Sinalética *contra*
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

*Escadas.*

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu *Rita Mansinho de Silva* declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

*Lisboa 14-01-2018*

*Rita Mansinho de Silva*  
(O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: Olívia Cardoso

2. Ano de Nascimento: 1936 (82 anos)

3. Sexo:

a. Feminino  
b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Sim, dores nos ossos.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
45 anos.

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
b. 3 a 4 vezes por semana  
c. 2 a 3 vezes por semana  
d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Combolo  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Às vezes. há muitos gatilhos.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
d. Igreja de São Cristóvão  
e. Equipamentos desportivos  
f. Café/restaurante Leitaria Moderna  
g. Outro. Qual? Pição Dourado, Praça da Figueira.

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeltras

14. Sinalética

Melhorar o pavimento do estê todo cheio de buracos.

Outro. Qual? Arranjar a rua que está todo burto, tirar os pilastres que não se passa ou os sinais.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Escadas.

inquérito feito no café  
Silva.

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: Anabela Beato Mota

2. Ano de Nascimento: 1964

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Sim, artroses.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
27 anos. e gosta de viver cá.

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Comboio  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Algumas, os carros sabem o passeio. Queremos andar e não podemos.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/ restaurante  
 g. Outro. Qual? Café/leiteiro.

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Costa do Castelo por causa das escadas.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos nas paragens dos autocarros
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento calçada para evitar o ruído.
- l. Outro: Qual? Fiscalização nas ruas por causa do lixo e dos cães.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Rampas.

16. Trabalha no café Silva.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Amabile Bento declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 29/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

\_\_\_\_\_  
Amabile Bento  
(O inquirido)

inquérito feito no Restaurante  
Do Basílio.

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome: António Ferreira

2. Ano de Nascimento: 1947 (70 anos)

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Não.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
70 anos.

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não com a mulher.

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
 b. 3 a 4 vezes por semana  
 c. 2 a 3 vezes por semana  
 d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
 d. Metro  
 e. Bicicleta  
 f. Comboio  
 g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim. Disseu que é um bairro problemático mas exageram.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia para a patroa.  
 b. Centro de dia  
 c. Centro de Saúde  
 d. Igreja Nossa Sra do Socorro e Nossa Senhora da Saúde  
 e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante  
 g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobiliário exterior  
 b. Iluminação pública  
 c. Caixotes do lixo faltam de reciclagem, que por aí.

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Quais?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

Nenhuma.

16. Reformado. Trabalha no Restaurante Dom Basílio aos Sabões Populares.

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu António Ferreira declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data \_\_\_/05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

\_\_\_\_\_  
António Ferreira

\_\_\_\_\_  
Ferreira  
(O inquirido)

Inquérito "Age-Friendly Cities - Lisboa" inquérito feito na  
Lezíria da R. Bejaense

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

1. Nome:  
António Manuel Lopes Figueiredo

2. Ano de Nascimento:  
1960

3. Sexo:

a. Feminino  
 b. Masculino

4. Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Sim, diabetes, frida abaixo do pé.

5. Há quanto tempo mora na Mouraria?  
Há 4 anos, na R. do Bejaense.

6. Mora sozinho?

a. Sim  
 b. Não

7. Costuma sair de casa?

a. Todos os dias  
b. 3 a 4 vezes por semana  
c. 2 a 3 vezes por semana  
d. raramente

8. Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?

a. A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

b. Carro  
 c. Autocarro  
d. Metro  
e. Bicicleta  
f. Combolo  
g. Outro. Qual?

9. Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim.

10. Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

11. Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não.

12. Quais os serviços que costuma usar habitualmente?

a. Farmácia  
b. Centro de dia  
c. Centro de Saúde  
d. Igreja  
e. Equipamentos desportivos  
 f. Café/restaurante na R. do Bejaense Leitaria.  
g. Outro. Qual?

13. Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não.

14. Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?

a. Mobilário exterior  
b. Iluminação pública  
c. Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities - Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro. Qual?  
Não.

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Mansinho nº 60217 declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 05/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

\_\_\_\_\_

Rita Mansinho  
(O inquirido)

inquirito feito parte  
na Junta de Freguesia S.M.H.

Inquérito "Age-Friendly Cities – Lisboa"

Bom Dia!

Numa tentativa de melhor perceber o bairro onde habita e as suas dificuldades, gostaríamos que preenchesse este questionário com a maior sinceridade possível. Qualquer pergunta que não entenda por favor pergunte-nos.

- Nome: Nuno Franco
- Ano de Nascimento: 1959
- Sexo:
  - Feminino
  - Masculino
- Tem alguma dificuldade de mobilidade? Se sim, qual?  
Não
- Há quanto tempo mora na Mouraria?  
40 anos
- Mora sozinho?
  - Sim
  - Não
- Costuma sair de casa?
  - Todos os dias
  - 3 a 4 vezes por semana
  - 2 a 3 vezes por semana
  - raramente
- Qual o meio de transporte que utiliza habitualmente?
  - A pé

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- Carro
- Autocarro
- Metro
- Bicicleta
- Comboio
- Outro. Qual?

- Sente-se seguro a andar na rua? Se não, porquê?  
Sim
- Tem dificuldade em andar a pé na rua? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não
- Tem dificuldade em andar nos transportes públicos? Se sim, indique as principais dificuldades.  
Não
- Quais os serviços que costuma usar habitualmente?
  - Farmácia
  - Centro de dia
  - Centro de Saúde
  - Igreja
  - Equipamentos desportivos
  - Café/ restaurante
  - Outro. Qual?
- Existe algum local onde gostaria de ir mas não tem possibilidade mas não pode devido à dificuldade do caminho?  
Não
- Na sua opinião devia haver mais equipamentos de espaço público?
  - Mobiliário exterior
  - Iluminação pública
  - Caixotes do lixo

ISCTE-IUL | Bairro da Mouraria | Age-friendly cities – Lisboa | Rita Mansinho

- d. Bancos
- e. Corrimões
- f. Árvores e outra vegetação
- g. Hortas urbanas
- h. Jardins
- i. Passadeiras
- j. Sinalética
- k. Melhoria de pavimento
- l. Outro, Qual?

15. Em termos de acessibilidade prefere rampas ou escadas?

RAMPAS

#### Declaração

Para efeitos de confirmação em trabalho teórico da aluna Rita Mansinho nº 60217, da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, eu Rita Rita Mansinho Freitas, declaro que fui objeto de inquérito pela aluna em questão na data 2/06/2018 no Bairro da Mouraria, transcrevendo-se em folhas anexas à presente declaração as questões colocadas pela aluna e as respostas dadas pelo inquirido.

Por ser verdade, e me ter sido solicitado, emito a presente declaração.

Lisboa, 5/06/2018

NSP/ISCTE  
(O inquirido)